

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Diogo Arnaldo Corrêa

**A CONCEPÇÃO DE RELIGIOSIDADE NA OBRA DE VIKTOR EMIL FRANKL**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2013

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Diogo Arnaldo Corrêa

**A CONCEPÇÃO DE RELIGIOSIDADE NA OBRA DE VIKTOR EMIL FRANKL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica pelo Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Ancona-Lopez.

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo-SP

2013

Banca Examinadora

---

---

---

Àqueles que me ensinam a caminhar na presença do sentido.

## AGRADECIMENTOS

*[...] pela grandeza de um momento já se pode medir a grandeza de uma vida [...].*

*[...] o que na vida decide do seu caráter de sentido são os pontos altos;  
e um simples momento pode dar sentido, retrospectivamente, à vida inteira.*

(FRANKL, 1946/2003b, p. 82).

O percurso trilhado para a realização deste trabalho foi marcado por muitos momentos. Neles, a presença de distintas pessoas que me apoiaram e incentivaram foi imprescindível.

Agradeço a Deus que me concedeu sabedoria e serenidade para que obtivesse essa conquista. De sua presença escondida, sei que ele continuará me abençoando para que concretize todos os meus projetos e abrirá todas as portas que estiverem fechadas fortalecendo meu ser a cada passo dado.

Muito obrigado àqueles que me acompanharam ao longo dessa etapa, compartilhando minhas vitórias a cada dia e as minhas angústias e receios ante os desafios que se apresentaram.

Expresso minha gratidão eterna à Nizalda, minha esposa, amiga, companheira, incentivadora e razão da descoberta das forças do amor autêntico presente em meu ser, amor que prevalecerá pelos tempos e será recolhido ainda mais intensamente em muitos e variados frutos em nossas vidas.

Agradeço profundamente aos meus pais Ana Maria e José Antônio, ao meu irmão Adriano e sua esposa Renata, aos meus avós Thereza e Antônio, aos meus sogros Nilzete e Aldo, ao meu cunhado Nivaldo e sua esposa Lilian, e ao querido sobrinho Bryan que tem enriquecido nossas relações com suas peraltices e candura. Pela frequente convivência com todos vocês, reaprendo a importância de nunca desistir. Sendo estimado e reconhecido por vocês, conservo o caráter de uma boa educação e os valores da vida em família.

Minha admiração infindável e gigantesca gratidão à estimada Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez que ampliou meu olhar frente à Psicologia. A lembrança de

sua pessoa será conservada em minha vida pelo ressoar constante das suas distintas qualidades: zelosa orientadora, sábia professora e uma pessoa íntegra, fraterna, respeitosa e de espírito sensível. Suas qualidades agregaram – e permanecerão adicionando – à minha pessoa as excelências para atuar como discente, psicólogo, docente e pesquisador.

Agradeço também à querida Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani por haveremos celebrado juntos muitos momentos fecundos que fortaleceram laços de respeito e carinho e têm possibilitado reencontros no recôndito de nossas histórias. Sinto-me honrado em tê-la na banca examinadora desse trabalho.

De igual maneira dirijo-me ao Prof. Pós-Dr. Ênio Brito Pinto. Fui presenteado com sua sensibilidade, seu espírito humanístico e sua vasta experiência profissional quando aceitou o convite para compor a banca examinadora no aqui-agora deste estudo. Agradeço por tudo!

Também manifesto gratidão à Profa. Dra. Ida Kublikowski à qual conservo grande admiração e com quem aprendi muito sobre a Pesquisa em Psicologia, e ao Prof. Dr. Antonio Aparecido Alves com quem tenho compartilhado muitas experiências no contexto da formação humana e acadêmica de distintas pessoas ao ter me confiado uma tarefa extremamente gratificante no Instituto de Teologia e Filosofia Santa Teresinha. Muito obrigado.

Agradeço a Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial Frankliana (SOBRAL) que cooperou efetivamente para minha aproximação à obra de Viktor Emil Frankl inicialmente no Curso de Especialização em Logoterapia destacado pela sua altíssima qualidade. Desde então, tenho buscado aprender cada vez mais e experimentado a alegria em minha vida e atuação profissional a partir da estima, apoio e equidade de pessoas fantásticas: Martha Iglesia, Marilucy Nardelli Wandermuren Marucci, Heloísa Reis Marino, Nilsy Helena Quintino Madeira, Sonia Aparecida Rodrigues de Oliveira Biffi, e os demais membros associados.

À Universidade Braz Cubas também ofereço meus agradecimentos, pois tenho tido a oportunidade de atuar como docente nessa Instituição de Ensino Superior e experimentado o valor da minha escolha profissional com os meus colegas de profissão e meus alunos.

De forma particular, agradeço infinitamente à Profa. Ma. Adriana Soares Freitas de Souza, uma profissional dedicada e uma amiga sincera em todas as horas. Obrigado pelo seu apoio desde meu ingresso no Mestrado e por fazer parte da minha trajetória profissional.

À caríssima Profa. Dra. Cândida Maria Plaza Teixeira, sempre solícita e amável em acolher o próximo, presto também minha gratidão por ter confiado em minhas capacidades e ter aberto as portas para minha realização profissional.

Agradeço, ainda, a Profa. Dra. Eliana Vianna Brito Kozma que foi a responsável pela revisão ortográfica deste trabalho e a efetivou com generosidade e aplicação indizíveis.

Aos colegas que cursaram disciplinas comigo na PUC-SP ao longo do Mestrado e compartilharam momentos proveitosos e felizes rendo, também, minha gratidão.

De maneira especial, destaco profundo respeito e agradecimento ao amigo Pe. Raimundo Paulo de Siqueira que, desde minha graduação, me apoiou e incentivou para que não desistisse do objetivo em atuar como psicólogo. Ele me ensinou que a humildade e a honestidade são virtudes que nos levam longe e nos fazem vencer na vida. Tive a oportunidade de crescer muito como pessoa e como profissional no período em que acreditou em mim e me confiou uma grande tarefa. Obrigado!

Agradeço também aos membros da Associação Servos da Perpétua Santidade que não deixaram de orar por mim e continuam fazendo-o, com os quais tenho a graça de dividir momentos de fé, solidariedade e esperança.

A Viktor Emil Frankl, um muito obrigado extenso proveniente do fundo de meu ser! Sua vida e obra tocaram e continuam marcando diretamente a minha vida e são um legado que vem construindo pontes e favorecendo muitas possibilidades no contexto pessoal e profissional de minha existência.

Por fim, agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que proporcionou subsídio financeiro para a realização deste trabalho.

Esquecer a validade interna e o valor originário da criação artística ou da vivência religiosa, em vista da sua eventual aplicação a fins neuróticos, seria ir demasiado longe.  
(FRANKL, 1946/2003b).

CORRÊA, D. A. **A concepção de religiosidade na obra de Viktor Emil Frankl.** 2013. 68f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

## RESUMO

O objetivo desse estudo foi compreender a concepção de religiosidade na obra de Viktor Emil Frankl. Foram descritas sua biografia e sua obra e realizada uma análise temática a partir de quatorze de seus livros escolhidos devido a sua correlação com o propósito da pesquisa. As ideias de Frankl foram investigadas no transcurso cronológico do seu trabalho, e as possíveis ampliações no que tange ao assunto foram ponderadas e exibidas por meio de cinco tópicos – “Deus”, “Fé”, “Religião”, “Religiosidade” e “Psicoterapia e Religiosidade”. Por fim, explicitaram-se as compreensões obtidas e as considerações finais. Frankl considera o ser humano de forma ampla, total, singular e integrada. Sua perspectiva antropológica coopera diretamente para uma atuação psicoterapêutica que contempla o paciente para além dos reducionismos e considera suas possibilidades existenciais. Tais possibilidades se desdobram por meio das capacidades da autotranscendência, consciência, liberdade e responsabilidade e auxiliam na descoberta do sentido da vida pela realização de valores criativos, vivenciais e de atitude. Entre tais possibilidades existenciais do ser humano apreciadas pela Logoterapia, a religiosidade pode ser considerada como um potencial que brota espontaneamente e que também se configura a partir de contextos religiosos e culturais. Para Frankl, a psicoterapia pode se ocupar legitimamente da religiosidade porque ela se relaciona à dimensão mais profunda do ser humano e aos posicionamentos que ele adota em relação ao mundo e aos que nele estão quando há uma escolha livre e responsável por atitudes marcadas pela intuição de sua consciência, o que configura a religiosidade como uma das possibilidades para presentear a vida de sentido. Portanto, o psicoterapeuta deve acolher e auxiliar o paciente considerando-o em sua integralidade e conservando abertura para receber suas experiências, inclusive aquelas que são marcadas pela religiosidade, pelas relações singulares e pessoais com o sagrado que, vinculadas à sua inerente busca de significados, pode derivar a descoberta de sentidos para sua existência e para a promoção de sua qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Religiosidade. Psicologia. Psicoterapia. Logoterapia.

CORRÊA, D. A. **The conception of religiousness in the work of Viktor Emil Frankl.** 2013. 68p. Dissertation (Masters in Clinical Psychology) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

### **ABSTRACT**

The objective of this study was to understand the concept of religiousness in the work of Viktor Emil Frankl. Were described his biography and his work and conducted a thematic analysis from fourteen of his books chosen due to their correlation with the purpose of the research. Frankl's ideas were investigated in chronological course of their work, and possible extensions in regard to the subject were averaged and displayed through five topics – "God", "Faith", "Religion", "Religiousness" and "Psychotherapy and Religiosity." Finally, spelled out the understandings reached and final considerations. Frankl believes humans broadly, total single, integrated. His anthropological perspective cooperates directly to a performance that includes psychotherapy patients beyond reductionism and consider their existential possibilities. Such possibilities unfold through the capabilities of self-transcendence, consciousness, freedom and responsibility, and aid in discovery of the meaning of life by conducting creative values, experiential and attitudinal. Among such existential possibilities of the human being appreciated for Logotherapy, religiosity can be considered as a potential that arises spontaneously and is also configured from religious and cultural contexts. For Frankl, psychotherapy can legitimately occupy the religious because it relates to the deepest dimension of the human being and the positions he takes over the world and that it is when there is a free choice and responsible attitudes marked by intuition of his consciousness, which sets religiosity as one of the possibilities for gift of life sense. Therefore, the therapist must help the patient accept and considering it in its entirety and conserving open to receive their experiences, including those that are marked by religiosity, the natural and personal relationships with the sacred, linked to its inherent search for meaning, can derive the discovery of meaning to their existence and to promote their quality of life.

**Keywords:** Religiosity. Psychology. Psychotherapy. Logotherapy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I</b>	
Vida e obra de Viktor Emil Frankl .....	19
<b>CAPÍTULO II</b>	
A religiosidade na obra de Viktor Emil Frankl .....	34
<b>CAPÍTULO III</b>	
Reflexões sobre a concepção de religiosidade na obra de Frankl .....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65

## INTRODUÇÃO

*Ser religioso significa fazer a pergunta apaixonada  
pelo sentido de nossa existência.  
(TILLICH, 1957/2002).*

A religião perpassa nossa vida e nossas relações. Mesmo que não nos atentemos a aspectos religiosos, eles acabam fazendo presença nos mais variados contextos e incidem de forma significativa em nossa existência e em nossos relacionamentos: nos nomes de cidades e Estados, nos nomes de pessoas, na arquitetura, nas manifestações artísticas, nas comemorações sociais, em expressões cotidianas.

Etimologicamente, o termo religião é proveniente do latim *religare* que significa *ligar novamente*. Essa definição genérica recebe leituras variadas, caracterizadas por olhares diversificados que apresentam diferentes noções de religião. Elas evidenciam as organizações e as estruturas das diversas religiões e os seus pressupostos que resultam em atribuições de sentidos e de valores, definem horizontes espaço-temporais, e se enraízam na história e na cultura (ANCONA-LOPEZ, 2005).

As religiões revelam-se como um fenômeno notável por estarem presentes em todas as culturas, mesmo nas mais antigas (Chauí, 2003). Configuram-se como heranças históricas, processos desenrolados de forma dinâmica que incidem na vida humana e acabam por intensificar valores, crenças e costumes representativos de cada cultura.

As religiões reúnem uma linguagem simbólica, ritos e costumes, sustentam conceitos definidos e, conseqüentemente, desempenham diferentes funções. Conforme Ancona-Lopez (2008, p. 2), elas expressam uma certa compreensão do sentido da vida. A religião pode ser compreendida como

[...] um fenômeno multidimensional, composto de um sistema de crenças, ritos, personagens e símbolos, que **expressa uma dada compreensão do sentido da vida** e estrutura princípios e valores, propondo modos de viver para as comunidades e os indivíduos. (grifo meu).

Nessa perspectiva, o significado de religião inerente ao termo ultrapassa os aspectos sociais e institucionais e se relaciona às experiências pessoais, profundas e significativas de cada pessoa, vivências que concernem ao campo da espiritualidade.

A espiritualidade manifesta a inquietação humana presente em todas as pessoas, uma inquietação aberta para o infinito e que mobiliza a busca pelo sentido da vida, da morte, do sofrimento (Amatuzzi, 2008). Como ressalta Vale (2005, p. 104), a espiritualidade

[...] consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir. Acha-se, por isso, unida à motivação profunda que nos faz crer, lutar, amar. Orienta-se para o porquê último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromissos que a vida nos impõe, ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles.

Proposta como uma possibilidade de a pessoa mergulhar em si mesma, a espiritualidade pode expressar, ou não, manifestações de uma religião específica; pode, ainda, estar atrelada à religiosidade definida por Valle (2005) como algo próprio da experiência individualizada do transcendente que origina alcances possíveis pelo fato de haver, no ser humano, uma consciência capaz de atribuir sentido ao que é percebido em si, nos outros e no mundo.

Pinto (2009), por sua vez, menciona que a espiritualidade é uma característica humana relacionada à estrutura da personalidade, ao passo que a religiosidade é uma experiência original e única da religião posterior à espiritualidade e uma manifestação dela, e relaciona-se à noção de processo.

Ele defende que “a religiosidade implica uma referência ao transcendente, ao passo que a espiritualidade implica uma referência ao sentido.” (Pinto, 2009, p. 74). Ambas podem se encontrar, mas não são similares, pois é possível que a espiritualidade seja vivenciada sem um vínculo a qualquer crença religiosa.

A espiritualidade, a seu ver, promove a busca do sentido da existência na existência, ao passo que a religiosidade favorece a busca do sentido último. Enquanto a primeira se relaciona à busca do sentido para a vida, encontrando-se com a religiosidade inclui, nessa busca, o que está para além da vida.

Embora as posições no que tange à conceituação de espiritualidade e religiosidade sejam variadas, considero que ambas acenam para um intenso anseio humano, uma inquietação para a descoberta de sentido. Elas expressam um movimento que decorre potenciais explicitações, culminâncias e sínteses – a partir das capacidades próprias do ser humano – que atendem o anseio da busca de sentido.

As reflexões e compreensões acerca da religiosidade no âmbito científico constituem uma tarefa complexa ao longo do percurso histórico no qual se desenrolaram as várias abordagens científicas. No tocante à Psicologia, enfatizaram mais os efeitos dos aspectos institucionais e doutrinários das religiões no ser humano do que as questões inerentes à busca de sentido presente nas experiências religiosas (PAIVA, 2005).

Várias abordagens na Psicologia desconsideram a religiosidade ou a reduzem a explicações psicopatológicas. Tal constatação pode ser percebida, entre outras, em *O Futuro de uma ilusão*, quando Freud (1927/1996) salienta que a experiência religiosa está associada à repressão dos instintos humanos, e não pode oferecer nada que proporcione felicidade, pois exerce uma função controladora, patologizante. Para ele, essa experiência de caráter pessoal e única seria um aspecto doentio do ser humano, assim como a pergunta pelo sentido da existência: “Se se pergunta pelo sentido e valor da vida, é porque se está doente...”<sup>1</sup>

Apesar da prevalência das leituras da experiência religiosa como psicopatológicas, autores como Jung, Fromm, Allport, James, Erikson, Maslow, May, Frankl, Groff, Grün e Goldstein, buscaram uma aproximação ao tema a partir de outra posição (Valle, 2005). Suas contribuições refletiram no desenvolvimento da

---

<sup>1</sup> Tal afirmação de Freud encontra-se numa de suas cartas a Maria Bonaparte (Cartas 1873-1939, Francforte do Meno, 1960) conforme cita Frankl na obra *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial* (1946/2003b, p. 56).

Psicologia da Religião que estuda as expressões religiosas do ser humano, considerando a linguagem religiosa como metáfora, buscando compreender as suas influências psicológicas, sociais, históricas e culturais (ANCONA-LOPEZ, 2002; FIZZOTTI, 1992).

Tal vertente da Psicologia favorece a consideração da importância da religiosidade no contexto psicoterapêutico. Na clínica psicológica, os conteúdos religiosos são frequentes nos relatos dos pacientes, e sua religiosidade deve ser considerada pelos psicólogos nesse contexto, uma vez que ela faz presença na cultura e participa da composição da subjetividade de cada ser humano (CFP, 2012). Contudo, nota-se que há um “medo da religião” entre alguns profissionais da Psicologia que atuam no âmbito clínico, uma insegurança para tratar do assunto possivelmente associada às poucas reflexões acerca das questões referentes à religiosidade proporcionadas ao longo da sua formação (ANCONA-LOPEZ, 2005).

A esse respeito, Pargament (2007) assinala que, para acolher adequadamente os conteúdos religiosos de seus pacientes, os psicólogos precisam desenvolver algumas qualidades específicas. Dentre elas, destaca a busca de conhecimento espiritual, a abertura e a tolerância religiosas, o autoconhecimento de sua vida espiritual, e a autenticidade. Tais qualidades podem favorecer o processo de mudança pretendido numa psicoterapia, de modo que seja ampliado, aprofundado, fortalecido e enriquecido.

O potencial da religiosidade como fonte para o fortalecimento humano deve ser considerado pelo psicólogo no contexto clínico. Mesmo que, em alguns casos, a religiosidade se configure como “abrigo para a fraqueza” ou “subterfúgio” frente à realidade, ela pode ser ponderada como uma experiência capaz de beneficiar o desenvolvimento da consciência ética e da responsabilidade pessoal e comunitária a partir da sua corroboração para a ampliação da dignidade pessoal e do senso de valor (PINTO, 2009).

No âmbito psicoterapêutico, a religiosidade pode ser compreendida, portanto, como uma das formas que desponta a busca humana pelos sentidos para a existência. Tillich (1957/2002) vincula, de forma direta, o modo de ser religioso de uma pessoa à sua sede de significado, à sua vontade de descobrir sentido na vida.

O sentido da vida relaciona-se à totalidade da pessoa, atrelando-se ao seu passado, ao seu momento presente, e ao seu futuro, e sua busca pode ser pensada e compreendida a partir de referenciais distintos.

Na Logoterapia, entendida como a *Terceira Escola Vienense de Psicoterapia*, Viktor Emil Frankl considera a busca do sentido da vida como a principal força motivadora no ser humano. Ele pressupõe que a pessoa é o único ser que levanta a questão do sentido da sua vida e o busca, pois “[...] procura sempre um significado para sua vida. [...] está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver” (FRANKL, 1974/2003c, p. 23).

De maneira direta, a questão do sentido da vida é enfatizada por Frankl em suas obras. E, de forma nem sempre explícita, ele também aborda nelas temas atrelados à religiosidade.

Minha especialização em Logoterapia Clínica, e a atuação no âmbito psicoterapêutico orientada por essa abordagem, conduziram-me a aprofundamentos na leitura das obras de Frankl e a reflexões a respeito das ressonâncias desse tema na Psicologia e em seus desdobramentos na clínica.

Assim, o objetivo desse estudo foi compreender a concepção de religiosidade na obra de Viktor Emil Frankl. Para alcançá-lo, primeiramente discorri sobre a biografia e obra de Viktor Emil Frankl no Capítulo I.

Em seguida, procedi com a análise temática de quatorze de suas obras que foram selecionadas pelo fato de suas menções ao tema religiosidade. Conforme Ezzy (2003), a utilização da análise temática beneficia a identificação de temas específicos em conteúdos selecionados e determina questões gerais de interesse na pesquisa antes da interpretação ser efetivada. A escolha por esse tipo de análise caracterizou este estudo como uma revisão teórica (COOPER, 1984 apud CRESWELL, 2010).

As obras escolhidas foram:

\* **Psicoterapia e Sentido da Vida:** Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial (1946). 4ª ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

- \* **Em busca de Sentido:** um psicólogo no campo de concentração (1946). 25ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
- \* **A Psicoterapia na prática:** uma introdução casuística para médicos (1947). São Paulo: EPU, 1976.
- \* **A Presença Ignorada de Deus** (1948). 10ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.
- \* **El Hombre Incondicionado:** Lecciones Metaclínicas (1949). Buenos Aires: Plantin, 1955.
- \* **La idea psicológica del hombre** (1959). 7ª ed. Madrid: Rialp, 2003.
- \* **Fundamentos y Aplicaciones de La Logoterapia** (1969). 1ª ed. 3ª reimp. Buenos Aires: San Pablo, 2007.
- \* **La Voluntad de Sentido:** Conferencias escogidas sobre Logoterapia (1972). 3ª ed. 2ª reimp. Barcelona: Herder, 2002.
- \* **Sede de Sentido.** 3ª ed. São Paulo: Quadrante, 2003. (Conferência proferida em 09 de Junho de 1974 no Lindenthal-Institut de Colônia, na Alemanha).
- \* **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia** (1978). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- \* **Um sentido para a vida:** Psicoterapia e Humanismo (1978). 11ª ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.
- \* **A Questão do Sentido em Psicoterapia** (1981). Campinas: Papirus, 1990.
- \* **Búsqueda de Dios y sentido de la vida:** diálogo entre un teólogo y un psicólogo (1984). 1ª ed. 2ª impr. Barcelona: Herder, 2005.
- \* **O que não está escrito nos meus livros:** Memórias (1995). São Paulo: É Realizações, 2010.

As obras foram analisadas na sequência cronológica de publicação para se investigar as ideias do autor numa perspectiva temporal, a fim de ponderar possíveis ampliações realizadas por ele no decorrer do seu trabalho.

No Capítulo II apresentei citações de Frankl resultantes da análise temática das obras escolhidas. As citações foram articuladas a partir de cinco tópicos relacionados ao assunto: “Deus”, “Fé”, “Religião”, “Religiosidade” e “Psicoterapia e Religiosidade”. Esses tópicos foram desatacados em letras maiúsculas e negrito ao longo do capítulo.

No Capítulo III explicitarei as compreensões obtidas sobre a concepção de religiosidade na obra de Viktor Emil Frankl e, por fim, apresentarei as considerações finais.

Com esse estudo pretendi oferecer uma possibilidade de compreensão do tópico específico da religiosidade, pouco explorado nos estudos realizados a partir da Logoterapia. E acredito que tal possibilidade de compreensão possa ressoar em reflexões pertinentes à prática psicoterápica, sobretudo de orientação logoterapêutica.

O psicoterapeuta deve acolher e auxiliar seu paciente concebendo-o como um ser humano total, o que inclui a sua religiosidade. Entendendo que a religiosidade refere-se a uma experiência singular e pessoal com o sagrado e relaciona-se à busca de sentidos para a existência – por ser uma expressão da espiritualidade – é apropriado que o psicoterapeuta compreenda que essa busca, além de ser potencialmente atendida pelas diferentes religiões, pode emergir no espaço clínico.

## CAPÍTULO I

### Vida e obra de Viktor Emil Frankl

*Nunca poderíamos avaliar a plenitude de sentido duma vida humana com base na sua duração. Afinal, também não avaliamos uma biografia pela sua “extensão”, pelo número de páginas, mas sim pela riqueza do seu conteúdo.*  
(FRANKL, 1946/2003b).

Viktor Emil Frankl nasceu em Viena, em uma família judia, aos vinte e seis de março de 1905. Sua mãe, Elsa Lion, nasceu em Praga, e era de origem aristocrata. Segundo Frankl (1995/2010), ela era uma pessoa boníssima e muito devota. Seu pai, Gabriel Frankl, era originário de Pohrlitz, sul da Morávia, que na época fazia parte do Império Austro-Húngaro. Ele valorizava a vida espartana e estoica, bem como as tradições judaicas.

A família de Frankl residia em Viena, na rua Czerningasse nº 6, no bairro de nome Leopoldstadt, onde vivia a maioria dos judeus pobres (BRUZZONE, 2011).

Frankl foi o segundo de três filhos. Seu irmão, Walter August, era três anos mais velho, e sua irmã, Stella Josefina, quatro anos mais nova. Sua família não possuía grandes recursos econômicos, condição que dificultou a vida familiar, sobretudo durante a II Guerra Mundial.

Aos três anos de idade Frankl já estava decidido a tornar-se médico, e aos quatro anos mostrou-se interessado por pesquisas. Nessa idade ele disse a sua mãe:

Já sei, mamãe, como descobrir remédios: é só juntar pessoas que querem se matar e que por acaso estão doentes, e damos a elas de comer e de beber todas as coisas possíveis. Por exemplo, graxa de sapato ou petróleo. Se elas continuarem vivas, então descobrimos o remédio certo para as suas doenças! (FRANKL, 1995/2010, p. 27).

Embora com poucos recursos financeiros, a sua infância e a sua adolescência se desenvolveram num ambiente familiar de muito calor humano, conforme relata:

Eu devia ter uns cinco anos, – e considero essa lembrança infantil pragmática – quando acordei numa manhã ensolarada na cidade de veraneio chamada Hainfeld. Com os olhos ainda fechados, fui tomado por uma inexplicável sensação de conforto e felicidade, sentindo-me seguro, cuidado e protegido. Ao abrir os olhos, deparei com meu pai curvado sobre mim, sorrindo. (FRANKL, 1995/2010, p. 28).

Conta também que, na sua juventude, tomava o café da manhã em sua cama e permanecia nela por alguns instantes pensando acerca do sentido da vida e, especialmente, a respeito do sentido do dia que estava por vir.

Frankl foi um aluno aplicado desde os primeiros anos do ensino regular. Ao concluí-los, frequentou a Universidade Popular e assistiu aulas sobre Psicologia Aplicada e Psicologia Experimental, interessando-se pela Psicanálise. Nessa época, filiou-se à Juventude do Partido Socialista dos Trabalhadores e, durante algum tempo, coordenou os “Estudantes Secundaristas Socialistas da Áustria”.

Aos dezesseis anos começou a se corresponder com Freud que era, na época, professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Numa dessas cartas, Frankl enviou a Freud um artigo intitulado *Origem da Mímica da Afirmação e da Negação*. O artigo foi publicado na Revista Internacional de Psicanálise em 1924, mesmo ano em que ingressou na Universidade de Viena para iniciar seus estudos de Medicina.

O seu primeiro encontro pessoal com Freud deu-se por acaso.

Eu estava caminhando ao redor da Universidade e me dei conta de que uma pessoa caminhava diante de mim. Esta pessoa me recordou Freud pelas fotografias que havia visto, porém pensei que isto seria impossível. Este homem estava desalinhado, seu guarda-chuva e seu abrigo estavam muito desgastados. Ele não poderia ser o grande Sigmund Freud, pensei. Levava um bastão negro com empunhadura de prata e ia golpeando o pavimento e movimentando sua boca. Ele sofria de um certo tipo de câncer na mandíbula. O segui. Eu pensei, se este é realmente Freud, há de dar a volta à esquina para ir a Bergasse. Eu sabia seu endereço, devido nossas correspondências. Dei a volta na esquina, e me dirigi a ele dizendo-lhe: “Oh, Dr. Freud, meu nome é Viktor Frankl”. Ele me respondeu: “Oh, Viktor Frankl, Czerningasse nº 6, interior 25, segundo Distrito de Viena.” (FRANKL *apud* HERRERA, 2007, p. 22).

Ao longo dos estudos de Medicina, Frankl deparou-se com os alcances e limites da Psicanálise. Ele se sentia incomodado por algumas formulações conceituais de Freud que não permitiam conceber uma imagem única e total do ser humano e não valorizavam a liberdade e a vontade na busca do sentido da vida (HERRERA, 2007).

Frankl afastou-se da Psicanálise e dedicou-se aos estudos de Medicina, interessando-se pela Psiquiatria. Ele referiu-se à sua atuação nessa área, bem como ao seu talento para fazer caricaturas, como uma oportunidade para a descoberta de possibilidades de consecução de sentido.

Como caricaturista, assim como psiquiatra, percebo as fraquezas de uma pessoa. Só que, como psiquiatra, ou ao menos psicoterapeuta, posso, a partir das fraquezas (factuais), descobrir intuitivamente as possibilidades (facultativas) para superar essas fraquezas, e para além da desgraça de uma situação ainda posso rastrear as possibilidades de dar um sentido a essa situação e assim transformar o sofrimento aparentemente sem sentido num feito humano real. E a bem da verdade, estou convencido de que não existe nenhuma situação que não englobe nenhum tipo de possibilidade de sentido. (FRANKL, 1995/2010, p. 57).

Em 1926, Frankl afiliou-se ao círculo íntimo dos adlerianos assumindo alguns postulados da Psicologia Individual de Alfred Adler. Seus estudos nesse círculo possibilitaram a publicação de um trabalho intitulado *Psychotherapie und Weltanschauung* [Psicoterapia e Cosmovisão] (HERRERA, 2007).

Frankl era um jovem ambicioso que desejava não apenas bens materiais, como também queria se sobressair no alpinismo que foi sua paixão até os oitenta anos. Em um de seus trabalhos em 1938, relacionou seu interesse pelo alpinismo com a busca por uma “Psicologia mais elevada”.

A par da Psiquiatria, Frankl interessou-se por Filosofia. Participou de um grupo de trabalho de Filosofia na Universidade Popular, dirigido por Edgar Zilsel, e foi um leitor crítico de Jaspers, Heidegger, Scheler e Husserl. Ele teve, inclusive, a oportunidade de encontrar-se com Heidegger, Binswanger, Jaspers e Gabriel Marcel. Nesses encontros, Frankl recebia várias críticas desses pensadores – por ele estimados – acerca do seu pensamento. Mas também ficava admirado pela tolerância que eles tinham ao encontrarem algo positivo em seus esforços (FRANKL, 1995/2010).

Em setembro de 1926 Frankl participou do III Congresso Internacional de Psicologia Individual. Na ocasião, utilizou pela primeira vez o termo Logoterapia para referir-se à modalidade psicoterapêutica orientada para a busca e descoberta do sentido. Ele baseou-se no conceito *logos*, do grego, que dentre as muitas acepções que possui significa sentido.

A partir de 1933, Frankl associou a essa nomenclatura o termo alternativo Análise Existencial. Os dois termos compõem uma mesma teoria e propõem uma análise *sobre* a existência, considerando que o ser humano é capaz de buscar e descobrir o sentido e realizar valores (GUBERMAN; SOTO, 2006).

As colocações de Frankl destoavam daquelas propostas por Adler. Frankl foi, portanto, desligado da Associação de Psicologia Individual em 1927 juntamente com Oswald Schwarz e Rudolf Allers, com os quais desenvolveu trabalhos no Laboratório de Fisiologia dos Sentidos. Nesse mesmo ano ele criou a revista “O Homem no Cotidiano” e promoveu a abertura do Centro de Aconselhamento para Jovens voltado para a problemática da intenção suicida relacionada a quadros depressivos gerados pela falta de sentido na vida cotidiana e pela perda de valores tradicionais. O Centro de Aconselhamento, fundado inicialmente em Viena, foi reproduzido em seis outras cidades da Áustria.

Frankl também trabalhou na Clínica Psiquiátrica da Universidade de Viena, especializou-se em Neurologia, e trabalhou por quatro anos no Hospital Psiquiátrico “Am Steinhof”. Em 1937 estabeleceu seu próprio consultório.

Em 1938, as tropas de Hitler entraram na Áustria, e o seu consultório particular não pôde ser mantido. Ele tentou obter um visto para viajar aos Estados Unidos, mas não conseguiu. No entanto, foi convidado a dirigir o Departamento de Neurologia do Hospital Rothschild em Viena, o que trouxe a ele, e à sua família, certa segurança.

Durante anos, Frankl aguardou o visto que lhe possibilitaria viajar aos Estados Unidos. Quando recebeu a convocação para comparecer ao consulado e retirar seu visto, porém, considerou que não deveria sair do país, pois deixaria seus pais sozinhos, sabendo que o destino deles seria a deportação e o campo de concentração.

Sem ter certeza do que fazer, saí de casa para caminhar um pouco, e pensei: “Essa não é uma situação típica que pede por um sinal dos Céus?”. Quando voltei, meu olhar se fixou num pequeno pedaço de mármore sobre uma mesa. – O que é isso? – perguntei ao meu pai. – Isso? Ah, eu encontrei hoje sobre um monte de destroços, lá onde ficava a sinagoga que foi queimada. Esse pedaço de mármore é parte das tábuas dos mandamentos. Se você se interessar, posso dizer-lhe de *qual* dos dez mandamentos pertencia essa letra hebraica aí cinzelada. Pois só há *um* mandamento com essa inicial. – Qual é? – insisti com meu pai. – Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra... – foi o que ele me respondeu. Então eu fiquei “na terra”, junto aos meus pais, e deixei o visto caducar. (FRANKL, 1995/2010, p. 99).

Tendo decidido permanecer em Viena, Frankl considerou como uma recompensa conhecer a enfermeira chefe do departamento que chefiava, Tilly Grosser, com quem se casou em dezembro de 1941 (BRUZZONE, 2011).

Logo após o seu casamento, o cartório de registro civil judeu foi dissolvido e nove meses após, Frankl, com sua esposa e seus pais, foram deportados para o campo de Theresienstadt, ao norte de Praga. Em outubro de 1944, Frankl foi levado ao campo de Auschwitz. Tilly pediu para ser levada junto com seu marido, e seu pedido foi aceito, porém, em Auschwitz, os dois permaneceram separados.

Num dos campos de concentração, Frankl deu à Tilly uma lembrança por ocasião do seu vigésimo terceiro aniversário, e escreveu: “Para seu dia, desejo – para mim – que você se mantenha fiel – a você”. Frankl expõe aqui um paradoxo duplo: “era o aniversário dela e eu estava desejando algo para mim e não para ela, e isso consistia em ela se manter fiel a ela mesma e não a mim” (FRANKL, 1995/2010, p. 103).

De Auschwitz, Frankl foi transferido para o campo de Kaufering III, em Dachau, e depois enviado ao campo de Türkheim. Em 1945, foi libertado. Tilly, seu pai, sua mãe e seu irmão morreram nos campos de concentração. Apenas ele e sua irmã, que fugiu para a Austrália, sobreviveram.

Nos campos de concentração, Frankl trabalhou como escavador de valetas das fábricas clandestinas de projéteis nazistas e conta que vivenciou as piores degradações que uma pessoa pode suportar. Percebeu que, embora tantos homens estivessem submetidos ao rigoroso regime nazista, sob os mais intensos

sofrimentos, podiam suportá-los desde que descobrissem um sentido para a vida e para os sofrimentos, desde que houvesse uma tarefa cobrando realização.

Logo após ser libertado, de volta a Viena, Frankl retomou suas atividades e assumiu a direção da Policlínica Neurológica de Viena, função que ocupou durante vinte e cinco anos, até 1970.

Em 1946 publicou o livro *Psicoterapia e Sentido da Vida – Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*, obra que pode ser considerada a porta de ingresso para o conhecimento e estudo da Logoterapia. Frankl possuía o manuscrito dessa obra que foi confiscado quando ele foi deportado ao campo de Theresienstadt. Durante sua permanência num dos campos de concentração, ele rascunhou algumas frases buscando recuperar as ideias que já havia registrado no manuscrito que lhe fora tirado. Após sua libertação, pôde, a partir dos registros dessas frases, reorganizar a obra. Relata que

numa barraca de um campo de concentração, havia duas dúzias de doentes com tifo exantemático. Todos deliravam, exceto um! E que fazia? Esforçava-se por evitar os delírios da noite, ficando acordado de propósito; o caso é que aproveitou a excitação febril e a animação de espírito para reconstruir, no decurso de 16 noites de febre, rabiscando às escuras, e numas diminutas folhas, algumas frases estenográficas básicas – um manuscrito duma obra científica ainda inédita que lhe tinham subtraído no campo de concentração. (FRANKL, 1946/2003b, p. 135).

Também em 1946 publicou *Um psicólogo no campo de concentração*, um de seus livros mais vendidos no mundo todo. Ele ditou essa obra a três datilógrafas durante nove dias, e estava decidido a publicá-la no anonimato, mas seus amigos o convenceram a assumir a autoria.

No mesmo ano, Frankl conheceu Eleonore Khatarina Schwindt, e casou-se com ela em julho do ano seguinte. Tiveram uma filha, Gabriele, que se casou com Franz Vésely e teve dois filhos, Katja e Alexander.

Até os oitenta e cinco anos, Frankl lecionou Neurologia e Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Além disso, foi professor visitante em Harvard, Pittsburg, San Diego e Dallas, nos Estados Unidos, e percorreu boa parte do mundo como conferencista. Várias Universidades concederam a Frankl o título de Doutor *Honoris Causa*, totalizando vinte e nove títulos nessa categoria.

Além dos livros publicados, Frankl escreveu vários artigos que apresentam suas ideias e pensamentos acerca da Logoterapia. Faleceu aos dois de setembro de 1997 em Viena, com noventa e dois anos.

Viktor Frankl, afinal de contas, foi, até o último momento, *um homem*, no mais alto e profundo sentido da palavra. Um homem consciente de suas próprias limitações e da precariedade de sua existência, e, sem dúvidas, capaz do heroísmo cotidiano da dedicação e do amor. Este homem é aquele ao qual se apela a Logoterapia: “só ele pode, em toda a circunstância e situação, apesar do sofrimento e da morte, dizer sim à vida”. (BRUZZONE, 2011, p. 38).

Frankl relata que a Logoterapia surgiu na casa onde nasceu (Frankl, 1995/2010). Sua inquietude pessoal e natural, relacionada a todas as suas vivências, nutridas dos fundamentos da Filosofia Existencial e da Fenomenologia e das aproximações científicas a Freud e Adler, favoreceram o desenvolvimento de sua teoria (PINTOS, 1998).

Frankl assumiu uma visão fortemente positiva da capacidade humana de superar situações difíceis e de descobrir sentido na vida (Allport apud Frankl, 1946/2008). Ele integrou suas vivências à sua teoria. Por isso, ao falar da Logoterapia não precisava falar de si mesmo, pois a sua pessoa e a sua vida já estavam nela retratadas (FRANKL, 1981/1990).

Os livros publicados por Frankl foram escritos em Viena, na casa onde viveu após sua libertação dos campos de concentração. Seu escritório possuía um ressalto em semicírculo e, certa vez, Frankl o chamou de “semissala de partos”, porque os seus livros eram ditados “sob contrações”.

[...] preciso dizer que o que mais me deixa feliz é, na cidade, terminar de escrever um original e enviá-lo para ser publicado; nas montanhas, escalar uma bela parede e passar a noite seguinte num quarto aconchegante no refúgio, junto a alguém querido (FRANKL, 1995/2010, p. 46).

O tema que percorre todos os seus trabalhos diz respeito à elucidação do território fronteiro entre a Psicoterapia e a Filosofia. A problemática do sentido e dos valores em Psicoterapia está por trás de cada uma de suas obras e ele a escolheu para superar a visão patológica e reducionista presente na Psicologia que restringe o humano a um sub-humanismo.

Conforme Frankl (1946/2008), o sentido é exclusivo e específico, e precisa ser buscado e descoberto, e só pode sê-lo por cada pessoa. A partir dos três pilares básicos da Logoterapia, Frankl salienta a questão da busca de sentido: a *Liberdade da Vontade*, a *Vontade de Sentido* e o *Sentido da Vida*.

A *Liberdade da Vontade* refere-se à liberdade do ser humano para além dos determinismos, e aponta para a possibilidade da tomada de posição em qualquer condição, no limite em que ela possa ser enfrentada. A *Vontade de Sentido* constitui a motivação básica do ser humano em descobrir e realizar o sentido não só no “*que é*”, mas também no “*que pode ser*”. O *Sentido da Vida* relaciona-se à dedicação a uma tarefa para a realização de algo ou para a dedicação amorosa a alguém, algo ou alguém que preencha a existência de significado (FRANKL, 1969/2007b).

Nessa perspectiva, só o ser humano pode embarcar na tarefa de descobrir sentido, porque somente ele pergunta pela sua vida e pela razão da sua vida, bem como a vida também o questiona a esse respeito. O sentido pode, então, ser descoberto na vida, no amor, no trabalho, no sofrimento, bem como pode ser realizado por meio daquilo que Frankl nomeou de valores criativos, vivenciais e de atitude.

Os valores são possibilidades gerais de sentido que se prendem à condição humana e estão além dos sentidos vinculados a situações únicas.

Os valores criativos referem-se à criação de um trabalho ou à prática de um ato e realizam-se como resultado da capacidade humana de criar coisas novas decorrentes das atividades concretas.

Os valores vivenciais acenam à experiência de algo ou ao encontro com um Tu (Frankl, 1946/2008). Aludem à capacidade da pessoa sentir e experimentar o que se encontra no mundo. Essa vivência não é limitada apenas à objetividade daquilo que a pessoa experimenta, mas inclui também a sua interioridade.

E os valores de atitude relacionam-se à tomada de posição por parte da pessoa perante a vida, o sofrimento, a alegria, e tudo aquilo que se manifesta na existência.

Frankl apresenta algumas capacidades que são próprias do ser humano e estão diretamente ligadas às possibilidades de descoberta de sentido: consciência, responsabilidade, liberdade e autotranscendência.

A consciência possui relação com a capacidade de compreensão que o homem pode ter acerca do sentido a ser descoberto em cada situação. Ela é denominada por Frankl como órgão do sentido, pois pode captar o sentido de maneira objetiva e conservar e ampliar os valores no mundo.

Ser pessoa é ser consciente e, também, ser responsável (Herrera, 2007). A responsabilidade caracteriza-se pela capacidade de responder pela liberdade atuante no momento em que a pessoa responde ou se posiciona diante das circunstâncias presentes (GARCIA, 2008).

A consciência do homem em ser responsável confronta com a sua liberdade (Lukas, 1989). Em nenhum instante da sua vida o homem pode esquivar-se à forçosa necessidade de escolher entre as possibilidades (Frankl, 1946/2003b). Por essa razão, a liberdade pertence à essência do próprio ser.

O homem é livre para se tornar algo diferente do que é; é livre sobre sua facticidade. A liberdade e a responsabilidade, sendo capacidades para responder a si próprio ou alguém pelas escolhas tomadas, favorecem respostas em forma de decisões. E ambas são exercitadas a partir da consciência que, delas, é guia.

Nessa perspectiva, Bretones (1999) ressalta que o homem é liberdade, responsabilidade e consciência, as quais favorecem as posições que adota perante a vida e seus acontecimentos. O ser humano tem consciência da liberdade e da responsabilidade, e essa consciência é portadora de uma intencionalidade, de uma direção que a própria pessoa pode estabelecer e que manifesta outra capacidade que lhe é inerente: a autotranscendência (GOMES, 1988).

A autotranscendência é um lançar-se da pessoa para além dela mesma na direção de algo ou de alguém, ou seja, de um sentido a ser realizado ou de alguém a ser amado (Frankl, 1978). Ela caracteriza a pessoa como um ser que busca mais para além de si mesmo e indica que o ser humano não é fechado em si mesmo, mas sim aberto à realidade, aberto à sua existência.

Essas capacidades apresentadas por Frankl cooperam entre si. Nessa relação, a consciência é tida como um fenômeno primário, uma dimensão na qual o ser humano se encontra consigo mesmo e coloca-se sobre si para julgar os próprios atos em termos morais e éticos (FRANKL, 1969/2007b).

Ele expõe essas capacidades a partir de sua visão antropológica que inclui, originalmente, a dimensão *noética* e as dimensões biológica, psicológica e social do homem.

A visão antropológica de Frankl fundamenta sua teoria. Para ele,

O final do século XIX e o começo do século XX deformaram completamente a imagem do homem, vendo-o predominantemente no seu vário estado de sujeição; quer dizer, na sua hipotética impotência em face dos liames que o atam; assim, o biológico, o psicológico e o sociológico. (FRANKL, 1946/2003b, p. 49).

Com base nessa consideração, Frankl destacou que o biologismo só admite mecanismos e quimismos, e vê o ser humano como um aparelho ou um autômato dominado por reflexos. Nessa perspectiva, os homens são estudados como determinados mamíferos para os quais a capacidade de caminhar eretos seria relevante.

O psicologismo, por sua vez, também concebe o homem como um aparelho que se refere a mecanismos psíquicos. A vida psíquica é vista como um jogo de forças impulsoras de funcionamento automático, e o homem como um feixe de impulsos. Quanto ao sociologismo, Frankl salienta que a pessoa, considerada apenas a partir dessa dimensão, se torna um brinquedo das forças sociais (FRANKL, 1978).

A pessoa, vista nessas três perspectivas, não passa de um aparelho de reflexos espontâneos ou um mecanismo de instintos, uma estrutura psíquica ou um simples produto das forças de trabalho. É considerada como “uma marionete movimentada ora por fios internos, ora externos. Em lugar de uma autêntica pintura do homem, temos uma caricatura; em lugar do homem autêntico, um homúnculo” (FRANKL, 1978, p. 189).

A antropologia proposta por Frankl relaciona-se ao que ele conceituou como Ontologia Dimensional. Trata-se de uma analogia da imagem de homem com figuras geométricas.

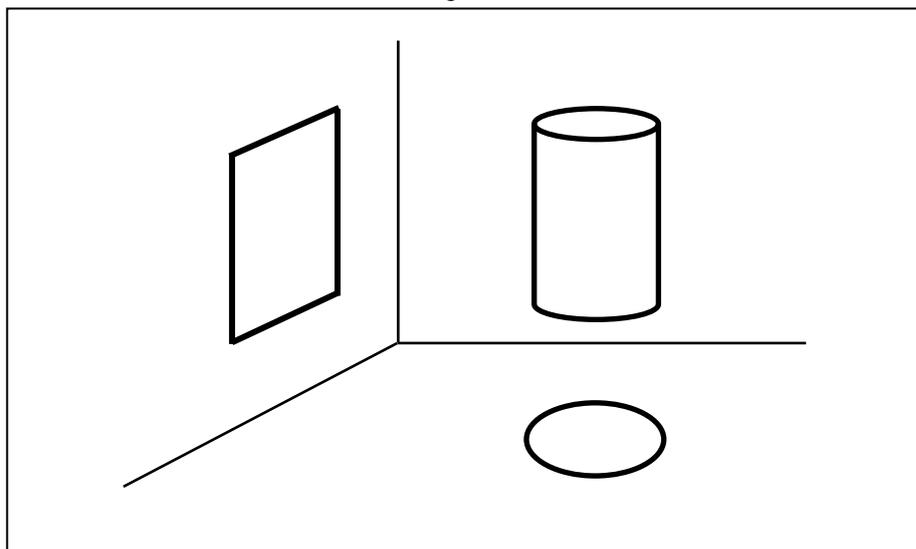
A Ontologia Dimensional se apoia em duas leis. A primeira lei é a da projeção de um fenômeno em diferentes dimensões inferiores que ocasiona resultados inconsistentes. Ela se relaciona à unidade, abertura e humanidade do ser humano. A segunda lei é a da ambiguidade e revela que, quando fenômenos diferentes se projetam fora de suas dimensões próprias, as figuras obtidas tornam-se ambíguas. A segunda lei relaciona-se à totalidade e tridimensionalidade do ser humano.

A respeito da primeira lei, Frankl (1946/2003b, p.43) afirma que

Se tomamos uma e a mesma coisa numa dada dimensão e a projetamos em várias dimensões inferiores àquela que lhe é própria, a coisa em questão representa-se de tal modo que as figuras obtidas se opõem umas às outras. Tomemos por exemplo, um copo, representado geometricamente sob a forma de cilindro, em um espaço tridimensional. Projetemo-lo em seguida nos planos horizontal e longitudinal; e teremos: num caso, um círculo; no outro, um retângulo. Observe-se, entretanto, que as figuras obtidas só se opõem enquanto se trata de um quadro fechado, ao passo que o copo é um recinto aberto.

Ao utilizar o conceito “projeção” na primeira lei da Ontologia Dimensional, Frankl alude à possibilidade de se vislumbrar um elemento em dimensões distintas sem a obtenção de resultados sólidos a seu respeito conforme mostra a figura 01.

**FIGURA 01** – Primeira Lei da Ontologia Dimensional



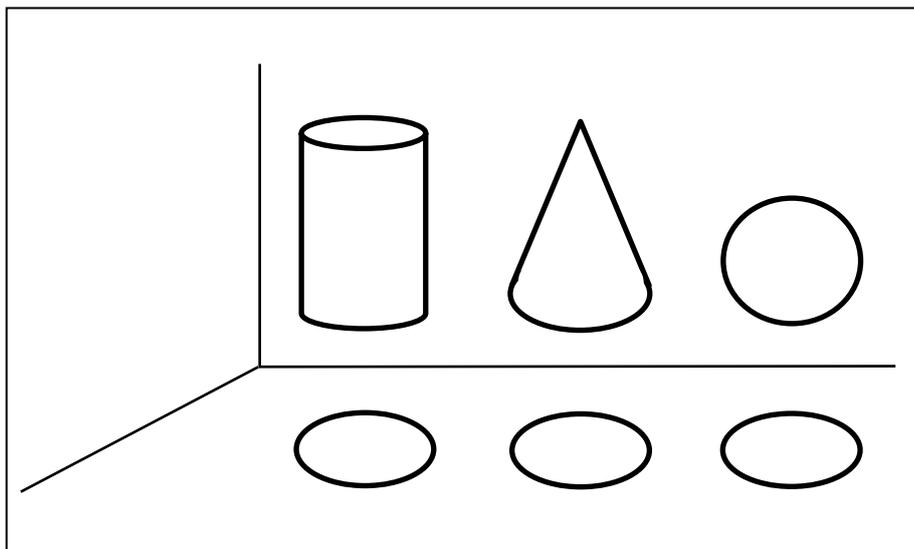
Fonte: FRANKL (1946/2003b, p. 43).

A segunda lei da Ontologia Dimensional assinala que, considerando várias coisas sendo projetadas em lugar de uma só numa mesma e única direção “o resultado obtido apresenta-se de tal modo que as figuras respectivas, em vez de se oporem claramente, são suscetíveis de vários sentidos.” (Frankl, 1946/2003b, p.44).

Ao colocar um cilindro, um cone e uma esfera num espaço tridimensional, e ao projetá-los no plano horizontal, torna-se possível visualizar um círculo nos três casos, conforme a figura 02.

Convenhamos em que se trata das sombras que o cilindro, o cone e a esfera projetam; e, realmente, as sombras são suscetíveis de vários sentidos (equivocas), pois eu não posso concluir, partindo das três sombras certamente iguais, se o que as projeta é um cilindro, um cone ou uma esfera. (FRANKL, 1946/2003b, p.44).

**FIGURA 02** – Segunda Lei da Ontologia Dimensional



Fonte: FRANKL (1946/2003b, p. 43).

Frankl (1946/2003b) explica que as dimensões biológica, psicológica e social do homem podem ser representadas pelas formas geométricas que compõem a figura 02, e sua dimensão genuinamente humana pode ser comparada aos círculos projetados numa única dimensão. Dessa forma, o núcleo ao redor do qual a pessoa se organiza, ou seja, a unidade inerente aos modos de ser humano, encontra-se numa dimensão específica e abrangente denominada dimensão *noética*.

Essa dimensão íntegra e totaliza a pessoa num nível superior às outras dimensões, dado o fato de incluir todas as outras. Nela encontra-se o

especificamente humano numa unidade múltipla, ou seja, embora a pessoa possua várias dimensões em que ela se desdobre interiormente – biológica, psicológica, social – ela é, ao mesmo tempo, única (FRANKL, 1969/2007b).

Para Frankl (1946/2003b), a pessoa é, portanto, uma unidade múltipla. A despeito de toda a unidade e totalidade da sua essência, há uma multiplicidade de dimensões em que ela se estende interiormente. Apesar das diferenças ontológicas, apesar das diferenças entre as espécies de ser diferenciáveis, há uma unidade antropológica.

Sua perspectiva antropológica é também marcada pelas *Dez Teses sobre a Pessoa* (Frankl, 1972/2002), descritas por ele da seguinte maneira:

**1. A pessoa é um indivíduo:** A pessoa não pode ser subdividida, repartida, porque é uma unidade. A pessoa é uma unidade, mas, possui realidades diversas, ou seja, a pessoa é uma *unitas multiplex*, é unidade e totalidade na multiplicidade.

**2. A pessoa não é somente um *in-dividuum*:** a pessoa não é só um indivíduo, mas é também in-somável, ou seja, não admite soma das partes. A pessoa é uma unidade e uma totalidade.

**3. Cada pessoa é um ser absolutamente novo:** a pessoa não é apenas uma reprodução dos pais, resultado de uma herança genética, mas é uma existência nova e única.

**4. A pessoa é *noética*:** a *noeses* encontra-se em contraposição heurística e facultativa com o organismo psicofísico, ou seja, a dignidade da pessoa é noética e transcende os liames do organismo psicofísico.

**5. A pessoa é existencial:** a pessoa não é fática, não pertence à facticidade. A pessoa existe de acordo com sua própria possibilidade. Ser pessoa é ser profundamente responsável. Isso significa que a pessoa é mais que meramente livre: na responsabilidade se inclui o *para que* da liberdade humana – aquilo *para que* a pessoa é livre – em favor do que ou contra o que ela se decide.

**6. A pessoa é egóica:** a pessoa não responde ao inconsciente (do ponto de vista freudiano, ou ao Id). O Eu é livre.

**7. A pessoa não é apenas uma unidade e totalidade em si mesma:** a pessoa apresenta a unidade físico-psíquico-*noética* e a totalidade representada pela criatura (ser-humano). Esta unidade e totalidade são apresentadas, fundadas e dispensadas somente pela pessoa; a unidade e totalidade constituem-se, fundam-se e garantem-se somente pela pessoa.

**8. A pessoa é dinâmica:** o dinamizar decorre de sua capacidade de distanciar-se e afastar-se do psicofísico para revelar o *noético*. Segundo Frankl (1972/2002), a pessoa *noética*, por ser dinâmica, não deve ser hipostasiada, e, portanto, não pode ser qualificada como substância, pelo menos não no sentido consciente. *Ex-sistir* significa sair de si mesmo. Somente o autodistanciamento de si mesmo como organismo psico-físico constitui a pessoa *noética* como tal, como espírito. Somente quando o homem entra em diálogo consigo mesmo é que ocorre a quebra necessária para revelar o *noético*.

**9. O animal não é pessoa:** visto que não é capaz de autodistanciar-se, autotranscender e enfrentar-se a si mesmo.

**10. A pessoa compreende a si mesma a partir do ponto de vista da transcendência:** a pessoa é pessoa na medida em que se compreende desde a transcendência, ou seja, desde a capacidade de ultrapassar-se. Frankl (1972/2002) aponta que o ser humano é pessoa somente na medida em que a transcendência, a capacidade de ultrapassar-se, o faz pessoa.

A Logoterapia corrobora a ideia que o ser humano seja considerado de uma forma ampla, total, e, ao mesmo tempo, singular e integrada. Nesse sentido, a concepção antropológica de Frankl pode cooperar diretamente para uma atuação psicoterapêutica que contemple o ser humano para além dos reducionismos e considere suas possibilidades existenciais.

Conforme destaca Marino (2010), o pensamento de Frankl também apela à missão, à ética e à responsabilidade que os profissionais devem exercer com a

finalidade de ajudar o ser humano a realizar suas possibilidades de ser. É um pensamento que atravessa os tempos, mantendo-se atualizado, mostrando ao homem que é possível dar uma resposta para além do seu destino, decidindo-se livremente em construir sua história.

## CAPÍTULO II

### A religiosidade na obra de Viktor Emil Frankl

*[...] Deus é o parceiro dos nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos. Na prática, isso significa que sempre que estivermos totalmente a sós conosco, quando estivermos dialogando conosco na derradeira solidão e honestidade, é legítimo denominar o parceiro desses solilóquios de Deus, independentemente de nos considerarmos ateístas ou crentes em Deus.*  
(FRANKL, 1948/2007a).

A existência humana e a busca de sentido são temas essenciais no pensamento de Viktor Emil Frankl. Ao incluir em sua perspectiva teórica os diversos fenômenos que despontam na existência humana, o fenômeno da religiosidade também é contemplado.

Neste capítulo apresento citações de Frankl resultantes da análise temática das obras escolhidas. Considerei a cronologia de publicação dos livros e articulei o texto a partir de cinco tópicos elencados conforme a sua relação ao assunto: “Deus”, “Fé”, “Religião”, “Religiosidade” e “Psicoterapia e Religiosidade”. Como foi assinalado na introdução, esses tópicos foram destacados em letras maiúsculas e negrito ao longo do capítulo.

Partindo do primeiro livro de Frankl publicado no ano de 1946, cujo título é *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*, ao fazer menção da sua ideia de **DEUS**, Frankl afirma que

a essência da existência humana [...] radica na sua autotranscendência. Ser homem significa, de *per sí* e sempre, dirigir-se e ordenar-se a algo ou a alguém: entregar-se o homem a uma obra a que se dedica, a um homem que ama, ou a Deus, a quem serve. (FRANKL, 1946/2003b, p. 45).

Deus é nomeado por Frankl como a Providência que se relaciona com o homem que é livre para decidir-se apesar do que essa Providência intente realizar com ele (FRANKL, 1946/2003b).

Mas Deus também se relaciona com o ser humano como o interlocutor que o acompanha no colóquio mais íntimo com a sua consciência. Deus fala ao ser humano no mais profundo da sua consciência. A “voz” da consciência é a “voz” de Deus. Dessa forma, o homem considerado religioso, sob o ponto de vista psicológico, é aquele que, ao atender ao falado, experimenta a vivência de alguém que lhe fala, sendo assim homem de ouvido mais agudo do que o não religioso.

Essa ideia é retomada por Frankl em *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia* (1978) e *Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo* (1978/2005). Ele destaca que cada vez que o homem fala consigo mesmo com a máxima sinceridade e absoluta solidão, aquele a quem ele se dirige pode ser, legitimamente, chamado de Deus.

Tal definição evita a dicotomia entre concepções teísticas e ateísticas do mundo. A diferença entre estas aparece só mais tarde, quando a pessoa sem religião insiste em afirmar que seus solilóquios são apenas monólogos solitários, e a pessoa religiosa, ao contrário, interpreta os seus como diálogos verdadeiros com alguém real. Penso que o que conta acima de tudo e mais que qualquer outra coisa seja a maior sinceridade e honestidade. Se Deus verdadeiramente existe, ele com certeza não irá discutir com aqueles que não têm religião porque eles o confundem com o próprio eu e o denominam de maneira inadequada. (FRANKL, 1978/2005, p. 56.)

Em *A Psicoterapia na prática: uma introdução casuística para médicos*, publicado um ano após *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*, Frankl (1947/1976) reforça a ideia de que a consciência tem a sua própria voz, assinalando que a voz da consciência é a voz de “alguém superior”.

Essa compreensão decorre do fato de a consciência, como evento psicológico imanente, remeter, por ela mesma, à transcendência, podendo ser compreendida somente a partir da transcendência como um fenômeno transcendente. Por essa razão, a consciência é porta voz de algo distinto em cada pessoa, de algo “extra-humano”.

O fato psicológico da consciência é, portanto, apenas o aspecto imanente de um fenômeno transcendente, apenas aquela parte que penetra na imanência psicológica. A consciência é apenas o lado imanente de um todo transcendente, a parte que se projeta do plano da imanência psicológica, transcendendo esse plano. (FRANKL, 1948/2007a, p. 51).

Frankl (1946/2003b; 1969/2007b) ainda figura Deus como o sentido último ou supra-sentido, fazendo uma alusão à nuvem, símbolo de Javé, que acompanhou o êxodo de Israel pelo deserto. Na sua compreensão, o supra-sentido caminha à frente do ser.

É como se diz na Bíblia: durante o êxodo de Israel através do deserto, Deus caminha em forma de nuvem à frente do seu povo. E não deixaria de vir a propósito interpretar esta passagem, afirmando que o sentido (último, o supra-sentido, na nossa formulação) caminha à frente do ser, seguindo este último ao primeiro, arrastando consigo o primeiro a este último. Senão, imaginemos o que teria acontecido se a majestade de Deus, em vez de ir à frente de Israel, tivesse permanecido no meio deste povo; logo se entrevê o que sucederia: a nuvem nunca mais estaria em condições de conduzir Israel pelo deserto até o fim, até o lugar de destino; pelo contrário, teria envolvido tudo em brumas, ninguém poderia já orientar-se, e Israel ter-se-ia extraviado. (FRANKL, 1946/2003b, p. 103).

Deus também é compreendido por Frankl (1949/1955) como uma existência que não é relativa, mas absoluta, o próprio ser. Por essa razão, é difícil ao homem compreender os caminhos de Deus, podendo apenas intuir os seus desígnios.

Em *A presença ignorada de Deus*, Frankl (1948/2007a) também apresenta Deus como modelo da paternidade. O pai, considerado como o criador natural, é o primeiro símbolo e a *imago* do Criador sobrenatural de alguma forma, e representa a coisa primeira, aquele que tudo fez.

"[...] o protótipo de toda divindade não é o pai, mas exatamente o contrário é verdadeiro: Deus é o protótipo de toda paternidade. Apenas do ponto de vista ontogenético, biológico e biográfico, o pai é o primeiro; ontologicamente, porém, Deus está em primeiro lugar." (FRANKL, 1948/2007a, p. 56).

Esta ideia é reforçada em *El hombre incondicionado: Lecciones Metaclínicas* (1949/1955), quando afirma que, diante de Deus, o ser humano não se apresenta como o "amado", mas como um filho diante do seu pai.

Embora seja protótipo da paternidade para o ser humano, a presença de Deus permanece inconsciente ao homem, ou seja, escondida. Ele aponta que não

pretende propor uma compreensão panteísta de Deus, como se o inconsciente fosse divino, ou como se Deus estivesse dentro de cada um de nós, habitando dentro de cada um de nós, nem pretende apresentar a tese de um Deus inconsciente no sentido ocultista, que levaria a ver o inconsciente como onisciente. E não intenta, também, afirmar que a relação inconsciente com Deus é “*id-ificada*”, pois não atribui a religiosidade ao id – ela não é instintiva.

“Por detrás da consciência está Deus, bem que de um modo ou outro invisível, uma testemunha e um espectador invisível.” (Frankl, 1948/2007a, p. 164). Sentindo-se na presença de Deus, ciente de que diante dele há responsabilidade por suas ações, o ser humano coloca-se na situação de ter de buscar um sentido concreto e pessoal para a sua vida.

Ao afirmar que a presença de Deus permanece inconsciente, Frankl pressupõe que a relação do homem com Deus pode ser escondida para ele mesmo. O que caracteriza essa relação velada é uma religiosidade inconsciente, um relacionamento encoberto, imanente, embora muitas vezes manifestado pela fé.

Deus, para Frankl, em sua presença inconsciente, está silencioso desde sempre.

O Deus “vivo” é um Deus “escondido” desde sempre. Não devemos esperar que ele conteste nosso chamado. Para explorar a profundidade do mar, enviamos ondas de som e esperamos, desde a superfície, o eco. Se Deus existe, sem dúvidas, ele é infinito, de tal modo que é em vão esperar o eco. O fato é que a resposta não volta, prova de que o chamado chegou ao destino: o infinito. (FRANKL, 1969/2007b, p.150).

As provas da existência de Deus, na opinião de Frankl (1972/2002), não são outra coisa que blasfêmia ou profanação acerca de sua presença. Destaca que só algo ôntico, algo pertencente ao mundo, pode ser atestado em sua existência. A existência de um animal pós-diluviano, por exemplo, pode ser provada pelas marcas petrificadas de suas patas.

Porém Deus não é nada petrificado. E acerca dele nada pode deduzir-se, como se faz acerca de algo ôntico, como sobre um ser natural, um ser pertencente à natureza. A um ser da essência de Deus não se conduz caminho ôntico algum senão ontológico. Esse caminho poderia ser transitado, se eu me interpretar a mim mesmo e a toda minha existência – interior em seu sentido cabal e não em sentido de qualquer existir no mundo ao que me enfrento porque simplesmente estou ali – se interpretar, repito, minha existência como

algo sustentado, algo que ampara um fundamento primeiro. (FRANKL, 1972/2002, p. 66).

Exigir provas lógicas da existência de Deus é algo impróprio, inclusive se as quisermos pedir à análise existencial do homem religioso, pois Deus é absoluto e transcendente.

Todavia, Frankl (1972/2002) aponta que a possibilidade de sermos remetidos desde a natureza imanente ao transcendente pode favorecer uma demonstração fenomenológica da existência de Deus. Partindo de uma frase de Pascal – “eu não te buscaria se não te tivesse já encontrado” – destaca que essa possibilidade pode ser considerada.

Menciona também, sem chegar a nenhuma conclusão ou comprovação, que uma demonstração fenomenológica da existência de Deus pode ser alcançada da seguinte maneira:

O que se ama é anterior à ação de amar; nosso amar, sem dúvidas, não se preenche com tudo o que se encontra no mundo; o que em nossa capacidade de amar pode preencher a isso o chamamos Deus, e portanto é Deus. Ou seja: o que se venera existe antes de nossa veneração. Nós veneramos muitas coisas que finalmente nos iludem, porém o que não nos *poderia* defraudar jamais, *também* o chamamos Deus e assim mesmo deve ser anterior; portanto Deus também deve ser. (FRANKL, 1972/2002, p. 68).

Para Frankl (1978), o entendimento humano falha em face de Deus, assim como diante da busca de compreensão dos elétrons. O homem é um ser que se encontra entre *potentia* e *actus*, e Deus, por sua vez, é *actus purus*.

Somente Deus pode afirmar de si mesmo “sou o que sou”. Pode fazê-lo porque é *actus purus*, potência atuada, possibilidade realizada. Deus é uma congruência de ser e ser-assim, de *existentia* e *essentia*. No homem, porém, há sempre uma discrepância entre, de uma parte, o ser e, de outra, o poder e o dever. Esta discrepância, esta distância entre existência e essência são inerentes à vida humana como tal. (FRANKL, 1978, p. 232).

Deus é o tu primeiro. É um tu em tal medida e de maneira tão concreta que não é possível falar “sobre” ele na terceira pessoa, senão sempre “a” ele na segunda pessoa. Ele é absoluto, pois é transcendente, e o homem pode dirigir-se a ele e buscá-lo. E pode fazê-lo dessa forma pela fé (FRANKL, 1972/2002).

Frankl destaca que todas as afirmações a respeito de Deus devem ser entendidas quanto menções antropomórficas.

[...] Deus é “de natureza pessoal”, Deus é “bondoso”, etcetera. O antropomorfismo é inevitável. O importante é que sejamos conscientes deste antropomorfismo. De início não é possível evitá-lo. Pois estes atributos divinos são e continuarão sendo unicamente propriedades *humanas*, e, com não pouca frequência, demasiado humanas. Assim, nem Deus mesmo escapa de ser simbolizado de um modo mais ou menos antropomórfico. Porém poderíamos, por causa destes elementos demasiado humanos, ter direito a rechaçar todo o religioso? (FRANKL; LAPIDE, 1984/2005, p. 80).

A **FÉ** encontra-se em uma dimensão elevada e seu significado é amplo. É nela que o prenúncio, a concepção e o alcance do sentido último se fazem possíveis; é nela que o homem transcende a sua capacidade de compreensão racional.

Para Frankl (1946/2003b), assim como o amor e a esperança, a fé não se deixa manipular nem fabricar e, por isso, ela pode fortalecer o ser humano, podendo ter, inclusive, um efeito terapêutico.

[...] é de si evidente que a fé num supra-sentido – quer o entendamos como conceito-limite quer, em termos religiosos, como Providência – tem uma imensa importância psicoterápica e psico-higiênica. Esta fé é criadora. Como fé pura que brota duma força interior, torna o homem mais forte. (FRANKL, 1946/2003b, p. 64).

Frankl (1946/2008) fala da fé como algo ardente, o que ele pôde evidenciar entre os prisioneiros dos campos de concentração. Por meio de preces e cultos improvisados, os prisioneiros se mantinham esperançosos e fortalecidos para enfrentar a realidade e esperar pela libertação. De sua fé manava um maravilhoso sentimento de destemor, mantendo-se, apenas, o temor a Deus.

Na perspectiva frankliana, a experiência da fé presenteia a vida com sentido. Quando o ser humano dá um passo responsável a mais na experiência vivencial, e se confia à dimensão da Providência que o convoca a um encargo de caráter transcendente – uma missão –, ele faz a experiência da fé e da descoberta de sentido (FRANKL, 1946/2003b).

A vida deixa transparecer neles a presença de um mandante transcendente. E é com isto, a meu ver, que se poderia desenhar um dos rasgos essenciais do *homo religiosus*: aquele homem em cujo ser-consciente e ser-responsável se dão conjuntamente a missão vital e o mandante que lha confere. (FRANKL, 1946/2003b, p. 95).

A fé relaciona-se, portanto, ao sentido último da vida incompreendido devido às capacidades racionais ou intelectuais limitadas no ser humano. Nessa perspectiva, Frankl (1995/2010) se refere à problemática do que seria um mero acaso à existência de um sentido mais alto ou profundo – um sentido último – por detrás de um hipotético mero acaso.

[...] é exatamente nisto, que consiste o único ponto que somos obrigados a aceitar, por assim dizer sem discussão: a não-racionalidade (que não implica uma exclusão da razão ou uma contradição com a mesma), a impossibilidade de captar de modo totalmente racional ou intelectual aquele âmbito próprio do supra-sentido, seja qual for o nome que cada um lhe atribua. E aqui digo *lhe* não em sentido neutro, mas em sentido *pessoal*. (FRANKL, 1974/2003c, p. 65).

Quanto à experiência da fé, Frankl (1946/2008) relata que, na oportunidade de empreender um diálogo coletivo num dos campos de concentração, mencionou a relevância do sacrifício de cada prisioneiro que ali estava, sacrifício que exigia abnegação por algo ou alguém e, por isso, despontava com sentido. Ressalta que os que tinham fé, os que eram religiosos, entenderam suas palavras com facilidade.

Em toda decisão relativa à fé, existe tanto a possibilidade de pensar numa direção, como na contrária, isto é, tanto em favor de uma ausência de sentido final da vida como em favor de um sentido final, de um supersentido, Deus. [...] A fé não é um pensar diminuído da realidade da coisa pensada, mas um pensar acrescido da existência daquele que pensa. (FRANKL, 1978, p. 275).

Assim, considerou que crer não significa um pensar ou um ato espiritual diminuído à realidade do pensado, mas trata-se de um pensamento enriquecido pela existencialidade do pensante. O ato de fé, portanto, se apoia num ato existencial. Por essa razão, a verdadeira fé segue mantendo-se.

São muitos os que dizem que em Auschwitz a maioria das pessoas perdeu a fé. Isso não é certo. Não disponho de estatísticas, porém minhas experiências me permitem afirmar que, em Auschwitz, mais gente recuperou sua fé e mais pessoas a fortaleceu – por suposto, apesar de Auschwitz – que quantos ali a perderam. Portanto, havia de deixar definitivamente de recorrer com ligeireza à fórmula “*depois de Auschwitz*” no contexto da possibilidade de crer e começar a falar de uma fé *apesar de* Auschwitz. (FRANKL; LAPIDE, 1984/2005, p. 82).

A respeito da **RELIGIÃO**, Frankl aponta que, para a Logoterapia, ela “[...] é um fenômeno que se dá no homem, no paciente; um fenômeno entre outros muitos [com o qual] a logoterapia se depara. Para a logoterapia, a religião é, e só pode ser,

um objeto – não, porém, uma posição.” (FRANKL, 1946/2003b, p. 296; 1978, p. 257).

Ele compreende a religião como um sistema de símbolos, sendo que os símbolos não podem ser apresentados por conceitos racionais ou expressos em palavras (Frankl, 1948/2007a). E compara a religião a um idioma:

[...] ninguém tem o direito de considerar sua língua materna como um idioma *superior* a todos os outros, pois em *qualquer* idioma o ser humano pode ser aproximar da verdade, daquela única verdade, assim como em qualquer idioma pode errar ou até mentir. E assim também através de *qualquer* religião podemos encontrar Deus – aquele Deus único. (FRANKL, 1948/2007a, p. 111).

Para Frankl (1948/2007a), a religião é um fenômeno humano e pode ser definida como a realização de uma vontade de sentido último. Por essa razão, a interpretação da religião como mero produto de forças motivadoras inconscientes, frequente no âmbito da Psicologia, inviabiliza o alcance do que lhe é essencial e ocasiona certa miopia na visão do fenômeno.

Para a Logoterapia, a religião é um fenômeno humano, e como tal, deve ser considerado seriamente. Deve ser concebida em seu valor próprio e não confundida sendo reduzida a categoria de fenômeno sub-humano, de acordo com as perspectivas reducionistas. (FRANKL, 1969/2007b, p. 138).

Face à pluralidade religiosa, destaca que, mesmo havendo uma diversidade de estilos pessoais por meio dos quais as pessoas expressam a sua busca de sentido último, continuam existindo, e ainda existirão, rituais e símbolos em comum. “Não existem também muitos idiomas que, apesar de suas diferenças, possuem um alfabeto em comum?” (FRANKL, 1948/2007a, p. 112).

Narra que certo dia, ao ser entrevistado por uma repórter da revista americana *Time*, ela lhe perguntou se ele acreditava que as pessoas estavam se afastando da religião.

Disse-lhe que a tendência era afastar-se não da religião, mas daquelas denominações que parecem não ter outra coisa que fazer senão combater-se mutuamente e fazer proselitismo uma na outra. Ela então perguntou-me se isso significa que mais cedo ou mais tarde haverá uma religião *universal*; isto eu neguei: ao contrário, disse eu, não estamos caminhando em direção a uma religiosidade universal, mas antes para uma religiosidade pessoal, profundamente personalizada, uma religiosidade a partir da qual cada um encontrará sua linguagem muitíssimo pessoal, sua linguagem própria, mais originalmente sua, ao voltar-se para Deus. Isso naturalmente nem de

longe significa que não se terá ritos e símbolos em comum. Assim como existe uma multiplicidade de línguas, elas não deixam de ter um alfabeto em comum. De uma forma ou de outra, em sua diversidade, as diferentes religiões são como idiomas diferentes: ninguém pode dizer que a sua língua seja superior às outras; em cada língua o ser humano pode chegar-se à verdade – à mesma verdade una, e em cada língua ele pode errar e até mentir. Assim, também por meio de qualquer religião ele pode encontrar Deus, o Deus uno. (FRANKL, 1948/2007a, p. 78).

A religião provê ao ser humano uma âncora espiritual, um sentimento de segurança que lhe é peculiar e inestimável (Frankl, 1969/2007b). Ela pode “elevantar ou remodelar o âmbito secular, transportá-lo para uma dimensão mais elevada ou sacralizá-lo, mas nunca entrar em contradição com ele.” (FRANKL, 1974/2003c, p. 61).

Por mais que a religião seja para a logoterapia “somente” um tema, e nunca um posicionamento, este tema lhe é vital, e isto por um simples motivo: em conexão com a logoterapia, *logos* significa “espírito”, e, portanto, “sentido”. O espírito designa a dimensão dos fenômenos especificamente humanos, e, diferente do reducionismo, a logoterapia se nega a circunscrever-se a qualquer classe de fenômenos infra-humanos ou fazer-se dependente deles. (FRANKL; LAPIDE, 1984/2005, p. 145).

A respeito da **RELIGIOSIDADE**, Frankl explicita que desconsiderá-la e aplicá-la a fins neuróticos seria ir descomedidamente além do fenômeno. “Esquecer a validade interna e o valor originário da criação artística ou da vivência religiosa, em vista da sua eventual aplicação a fins neuróticos, seria ir demasiado longe.” (FRANKL, 1946/2003b, p. 33).

Em *A Presença Ignorada de Deus* (1948/2007a), afirma que a religiosidade possui um caráter de decisão e é existencial, e não algo instintivo que faz parte da esfera do inconsciente sob o ponto de vista psicanalítico. Para Frankl, toda pessoa pode se decidir pela religiosidade em sua existência.

[...] acreditamos que a religiosidade nunca poderia se originar num inconsciente coletivo, justamente porque pertence às decisões pessoais, às decisões mais pessoais e próprias do eu, decisões essas que podem, de fato, ser inconscientes, mas nem por isso precisam fazer parte da esfera dos impulsos do id. [...]. A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas, antes, de decisão. A religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial ou não é nada. (FRANKL, 1948/2007a, p. 61).

Descreve a religiosidade como algo sagrado no ser humano, assim como o amor, e alude que ela representa uma verdadeira intimidade. Essa intimidade pode ser entendida em duplo sentido: ela se localiza no mais íntimo do ser humano e, como o amor, está protegida pelo pudor que não deve ser confundida com uma inibição neurótica, mas é como algo natural que exerce uma função protetora. O pudor defende a religiosidade de qualquer publicidade e a conserva em sua autenticidade. A religiosidade “se oculta para não se trair.” (FRANKL, 1948/2007a, p. 44).

Embora não faça parte da esfera do inconsciente, da dimensão instintiva do ser humano, e seja existencial, Frankl menciona a existência de uma religiosidade inconsciente. Trata-se de um “relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano” (Frankl, 1948/2007a, p. 58).

Da mesma forma que a presença de Deus é velada no ser humano, a religiosidade possui um caráter de reserva, de acobertamento. Essa concepção de Frankl indica que sempre existiu no ser humano “uma tendência inconsciente em direção a Deus.” (FRANKL, 1948/2007a, p. 58).

Quando falamos da religiosidade inconsciente do homem queremos dizer que de algum modo tendemos inconscientemente para Deus, que, embora inconsciente, teremos sempre uma relação intencional com Deus. Isso é o que chamamos o “*Deus inconsciente*”, fórmula que, como é natural, não se refere ao fato de que Deus em si seja inconsciente, senão a que nossa relação com Ele pode ser inconsciente, reprimida e, nesse sentido, oculta a nós mesmos. (FRANKL; LAPIDE, 1984/2005, p. 116).

Na concepção de Frankl, apesar de a religiosidade ser intrínseca no ser humano, ela não é explícita ou algo nato, pois é um potencial que brota espontaneamente e se configura a partir de contextos religiosos e culturais.

A religiosidade não se trata somente de uma questão de educação nas tradições das religiões, mas envolve também a decisão (Frankl, 1969/2007b). Nessa perspectiva, ela é algo “a partir do qual cada um de nós pode encontrar sua linguagem pessoal ao se dirigir a Deus.” (FRANKL, 1948/2007a, p. 112).

A pessoa religiosa é aquela que assume o risco de ir além do chão firme de seus pés ao encontro do tu transcendente por trás do eu imanente, ao passo que a

pessoa irreligiosa é aquela que ignora a transcendência da consciência (Frankl, 1948/2007a). Por essa razão, a religiosidade não é apenas um atributo do homem declarado confessional. Quem pensa que a religiosidade expressa unicamente a crença em um Deus se equivoca (FRANKL, 1972/2002).

A religiosidade é algo potencial e pessoal, e não possui nenhuma relação com a coletividade, visto que está atrelada à dimensão mais íntima do ser humano. Por isso, o homem intelectual da atualidade, que cresceu sob a sombra de uma visão naturalista do mundo e do ser humano, não precisa envergonhar-se de sua experiência religiosa, pois ela se configura no seu interior (FRANKL, 1959/2003a).

Frankl coloca ainda que não possui nenhuma objeção *a priori* a respeito de investigações no campo da religiosidade, sobretudo a partir de recursos psicométricos. Cita, nesse sentido, as contribuições de James C. Crumbaugh que desenvolveu uma pesquisa partindo da premissa que a Vontade de Sentido poderia ser extremamente alta entre os fatores que influenciam pessoas que professam um credo (FRANKL, 1969/2007b).

A partir da experiência da religiosidade, o homem vivencia a sua relatividade frente ao absoluto, frente a algo que não lhe é relacionável. Dessa forma, a vivência religiosa é a vivência da própria fragilidade. Ressalta-se um paradoxo nesse caso, todavia, Frankl (1972/2002) expõe que nele se expressa um potencial incrível inclusive do ponto de vista psicoterapêutico.

O homem religioso, na sua percepção existencial, experimenta a vida como tarefa – o que pode intensificar o sentido da sua responsabilidade – e, simultaneamente, experimenta a instância que lhe atribuiu a tarefa, ou seja, a Pessoa Divina. “Em outras palavras: o homem religioso vivencia sua vida como incumbência divina.” (FRANKL, 1981/1990, p. 79).

Se a experiência da vida como uma tarefa, uma missão pessoal, pode proporcionar a intensificação do sentido da responsabilidade a um grau significativo sob o ponto de vista psicoterapêutico,

a vivência religiosa, a vivência de sentir-se protegido, no sentido mais próprio da palavra, seguramente possui um grau muito maior nesta relevância terapêutica. E, pelo menos, nos momentos decisivos da existência pessoal, sempre se tornará a experimentar que não existe

atitude alguma frente a situações limites do destino que, em igual medida que a atitude religiosa ajude o homem a superar essa situação. (FRANKL, 1972/2002, p. 75).

Os homens não religiosos podem se aproximar dos psicólogos com sede de respostas para os problemas que se agitam no profundo do seu ser, como os que creem em Deus podem mostrar sua fé no atendimento psicoterápico e, nesse caso, nada impede que ela seja considerada (Frankl, 1946/2003b). Contudo, deve ficar claro que o objetivo da **PSICOTERAPIA** é a cura anímica, e o objetivo da Religião é a salvação das almas. Se o psicólogo for ao encontro do paciente no plano confessional, firmando uma espécie de “união pessoal” para orientar o tratamento, ou seja, estabelecendo um encontro que vai além do encontro próprio da psicoterapia, de antemão não estaria tratando o paciente (FRANKL, 1946/2003b).

O alvo da psicoterapia é a cura da alma nutrida por uma preocupação psicosomática. Já o alvo da religião é a sua salvação. Mas, a religião pode ter efeitos psicosomáticos e psicoterapêuticos quando propicia à pessoa “uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrada alhures a não ser na transcendência, no Absoluto.” (FRANKL, 1948/2007a, p. 74).

Em alguns casos, conforme Frankl (1948/2007a), os pacientes redescobrem, ao longo do processo psicoterapêutico, algumas fontes de fé original que estavam soterradas. Por isso, Frankl ressalta que “quando o paciente está sobre o chão firme da fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico das suas convicções espirituais.” (FRANKL, 1946/2008, p. 142).

“[...] quando o paciente se sustenta em uma firme posição de crença religiosa, não existe nenhuma objeção no fato de fazer uso do efeito terapêutico de suas convicções religiosas, e, por esse meio, apontar a seus recursos espirituais.” (FRANKL, 1969/2007b).

Contudo, não é coerente que o psicoterapeuta se coloque na posição de uma autoridade religiosa, visando à concorrência com os sacerdotes. (FRANKL, 1946/2003b).

Os objetivos da psicoterapia e da religião se situam em planos e níveis de valor distintos. A dimensão à qual o homem religioso avança é mais elevada e

possui significados mais extensos, é a dimensão da fé. Contudo, essa dimensão deve ser respeitada no contexto da psicoterapia (FRANKL, 1946/2003b).

A psicoterapia tem a necessidade de se movimentar, portanto, respeitando a dimensão da fé dos pacientes, visando responder ao problema do sentido abaixo da cosmovisão tanto teística quanto ateística (FRANKL, 1946/2003b).

Para a Logoterapia, a existência religiosa e a existência irreligiosa são, por princípio, fenômenos coexistentes; por outras palavras: a Logoterapia assume para com ambas uma atitude neutra, já que é uma orientação da psicoterapia e – pelo menos segundo a lei austríaca que rege o exercício da medicina – só aos médicos é lícito praticar a psicoterapia. (FRANKL, 1946/2003b, p. 296).

Mesmo que o psicoterapeuta professe uma religião, deve conservar em sua postura clínica o desinteresse pela religiosidade do seu paciente. Talvez como pessoa ele possa se interessar pela religiosidade do paciente. Contudo, deve respeitar a manifestação espontânea da religiosidade por parte do paciente, não introduzindo obrigatoriamente esse tema no contexto dos atendimentos. Frankl considera que essa postura pode ser empreendida com facilidade pelo psicoterapeuta “uma vez que, justamente por ser ele próprio uma pessoa que professa uma religião, estará convicto de antemão da religiosidade latente também das pessoas manifestamente irreligiosas.” (FRANKL, 1948/2007a, p. 68).

Ao atender seus pacientes, o psicoterapeuta deve se limitar a oferecer pão ao invés de maná, pois a psicoterapia situa-se entre duas circunstâncias: é um campo-limite e, como tal, uma terra de ninguém. Mas isso não impede que a psicoterapia seja, também, uma terra de promessa. No atendimento clínico se manifestam diversos fenômenos que compõem as vivências dos pacientes. Dentre eles, a religiosidade pode aparecer, mesmo sem ser introduzida pelo psicoterapeuta. Ao amparar os pacientes para a descoberta das escolhas na resolução dos conflitos que envolvem tais fenômenos, o pão pode ser oferecido (FRANKL, 1946/2003b; 1978).

O psicoterapeuta que tem fé não deve crer apenas em Deus, mas crer também na fé potencial do seu paciente sabendo que a religião pode oferecer mais à pessoa que a psicoterapia, mas também pode exigir dela muito mais. Por isso, a religião não é garantia de uma vida tranquila. Dessa forma, qualquer contágio entre

religião e psicoterapia deve ser rigorosamente evitado. Pode haver coincidência quanto aos seus efeitos, mas a psicoterapia e a religião são diferentes no que diz respeito aos seus objetivos (FRANKL, 1948/2007a).

Mesmo que para a Logoterapia a religião seja *mero* objeto [...] a Logoterapia se interessa muito por ela, por uma razão muito simples: no contexto da Logoterapia, *logos* significa “sentido”. Na realidade, a existência humana sempre já vai além de si mesma, já está sempre indicando um sentido. Neste sentido, o que importa à existência humana não é o prazer ou poder, nem auto-realização, mas antes, o cumprimento de sentido. (FRANKL, 2007, p. 76).

A psicoterapia só pode ser útil à religião pela oferta dos resultados empíricos de suas investigações ou pelo efeito de seu manejo (Frankl, 1948/2007a). Por essa razão, o psicoterapeuta não deve impor uma cosmovisão aos seus pacientes, ou afirmar que possui todas as respostas necessárias aos seus conflitos. Não foi um psicoterapeuta que “disse à mulher ‘tu... serás como Deus, conhecedor do bem e do mal’”. (FRANKL, 1969/2007b).

Mas expõe que, considerada seriamente, a religiosidade contribui para que os psicoterapeutas apontem os recursos espirituais dos pacientes (Frankl, 1969/2007b). Sustenta que toda pessoa é um ser que busca, mas não se pode dizer se o homem se dedica à busca de um Deus, ou à busca daquele Deus que não pode ser encontrado, ou daquele Deus que pode ser encontrado, ou à busca de si mesmo (FRANKL, 1972/2002).

A partir dessa perspectiva, considera que a atuação logoterapêutica

[...] deve propor a tarefa de preparar a habitação da imanência, porém prepará-la sem obstruir a porta pela qual o espírito da religiosidade pode entrar ou sair o homem religioso com toda a espontaneidade própria de toda religião genuína. A análise existencial, então, não apresenta uma etapa final para o descobrimento do sentido último do homem, porque não dá respostas finais, pelo menos relativas à religião. Porém desde esta etapa até para aquela outra que pode guiar o homem – não importa se religioso ou não –, desde dali, o homem pode, sem mais, encontrar o “contato direto” com sua última etapa, já que a meta final do caminho da análise existencial, reside exatamente “sobre a linha” conducente ao religioso. (FRANKL, 1972/2002, p. 77).

O psicoterapeuta, não requerendo a manifestação de conteúdos relacionados à religiosidade no âmbito dos atendimentos, e podendo experienciar, sem a influência de sua atuação, o efeito do surgimento espontâneo da religiosidade nos

relatos dos seus pacientes, pode favorecer o aparecimento de uma posição para a prática psicoterápica e para a própria Logoterapia: a cooperação. Essa posição pode decorrer

[...] tanto mais efetiva quanto mais limpa e puramente sejam delimitadas as competências, ao invés de que um intente transgredir o campo do outro. A possibilidade genuína de tal cooperação nos parece fundada em que, de acordo com nossa convicção e pelo menos na prática, não existe realmente verdadeira contraposição entre o conceito fundamental religioso e o não religioso. Esta relação não é contrária, senão complementária. Isto nos foi revelado com maior claridade onde a vivência da vida como missão, tal como se descobre na análise do homem religioso, resulta ser nem mais nem menos como um passo mais além da simples vivência da missão, que a análise existencial apresenta como meta psicoterapêutica. Porém “um passo mais além” é sempre só mais um passo. (FRANKL, 1972/2002, p. 80).

Frankl (1972/2002) assinala que a Logoterapia não se contrapõe àquela pergunta última à qual um homem pode chegar. A partir dessa pergunta última, o homem pode, sem dúvida, alcançar uma “conexão direta” na direção do transcendente, pois essa pergunta se localiza sobre o “caminho” do absoluto captado tão somente na experiência religiosa. Dessa forma, não deve ser considerado que possa haver contradições entre a experiência e a ação responsável do homem religioso e do não religioso. Ambos, em sua existência, podem dirigir-se a partir do sentido: um pelo dever como um desafio à sua responsabilidade; o outro, como um dever encaminhado por Deus.

[...] na psicoterapia, a pergunta que se tem de fazer não se refere ao “porquê”; refere-se antes ao “perante quem?” do nosso ser responsável. Logo se vê que tem que ficar a cargo do paciente a decisão sobre como interpretar o seu ser-responsável: como ser responsável perante a sociedade, perante a humanidade, perante a consciência ou, sobretudo, não perante uma coisa, mas perante alguém, perante a divindade. (FRANKL, 1946/2003b, p. 298).

Frankl (1981/1990) descreve que a descoberta do sentido independe da religiosidade ou irreligiosidade do paciente. Todavia, pode ser mais fácil ao homem religioso. Mas isso não justifica que o logoterapeuta possa ou deva obrigar o paciente a uma experiência ou confissão religiosa.

A Logoterapia não atravessa o limite entre a psicoterapia e a religião. Porém deixa aberta a porta à religião, deixando que o paciente decida passar ou não através dela. É o paciente quem trata de decidir de que modo interpreta a responsabilidade, em termos de ser responsável ante a humanidade, a sociedade, a consciência e Deus. (FRANKL, 1969/2007b, p. 139).

A porta deve permanecer aberta, cabendo ao paciente transpô-la, ou não (Frankl, 1974/2003c). Dessa maneira, em relação à religiosidade, a Logoterapia tem a tarefa de mostrar a superficialidade de toda argumentação antirreligiosa (FRANKL, 1978).

### CAPÍTULO III

#### Reflexões sobre a concepção de religiosidade na obra de Frankl

*No fundo de nosso ser há uma aspiração tão irresistível  
que não pode ser referida senão a Deus.*

(FRANKL, 1978).

Neste capítulo apresento as compreensões obtidas a partir da análise temática efetivada para atender ao objetivo proposto no estudo.

Para tratar do enfoque de Frankl acerca das questões relativas à religiosidade considero relevante citar um trecho presente na obra *O que não está escrito em meus livros: Memórias* (1995/2010).

[...] discorri o suficiente sobre o tema da fé. Dediquei grande parte dos meus livros às definições opostas de psicoterapia e teologia, ou, para falar como Fritz Künkel, da diferença entre a cura médica das almas e a salvação de almas. A primeira coisa a saber é em qual contexto eu me posiciono em relação ao tema da fé – se estou no papel de psiquiatra ou filósofo, médico ou simplesmente ser humano. Em segundo lugar, passei por diversos estágios de desenvolvimento – quando criança era crente, mas depois, na puberdade, passei também por uma fase ateísta. E, em terceiro lugar, é preciso levar em consideração a que público estou me dirigindo. Não darei testemunhos de fé privados e pessoais diante de psiquiatras, quando o assunto for a Logoterapia como um método psicoterapêutico. Afinal, não estaria ajudando à Logoterapia, pela qual sou responsável. (FRANKL, 1995/2010, p. 65).

Acredito que os diversos papéis desempenhados por Frankl, as nuances próprias das fases do seu desenvolvimento humano, e os vários públicos a que se dirigiu apresentam-se nas suas menções sobre a religiosidade.

Sua concepção de religiosidade pode ser considerada a partir de duas perspectivas: a ênfase dada por ele especificamente à religiosidade e suas implicações no contexto psicoterapêutico.

Tais perspectivas, no contexto da Logoterapia, relacionam-se a uma visão otimista da vida (Frankl, 1969/2007b). Por meio delas, Frankl enfatiza a possibilidade de o ser humano transformar a desesperança numa vitória, apontando a importância do apelo à atitude de uma pessoa diante de seu destino. Mesmo que ele não possa ser modificado, a pessoa pode mobilizar-se pelo poder de resistência do espírito.

O poder de resistência do espírito é a força que se estende para além dos limites e dos condicionamentos. É a capacidade de se opor às influências da herança e do meio ambiente, a capacidade de adotar uma posição de respeito ao destino que inclui a disposição e a situação existencial concreta da pessoa (BRUZZONE, 2011).

A Logoterapia dedica-se, portanto, ao propósito de mobilizar o ser humano para que ele vá para além de si mesmo e supere os seus limites a fim de que descubra o sentido que pode propiciar sua realização. Quando a busca de sentido se encontra adormecida, a Logoterapia sustenta a importância de apelar à liberdade e aos valores morais do ser humano para que ele possa se ultrapassar e dirigir-se para além de si mesmo (PINTOS, 1998).

O ser humano é compreendido por Frankl a partir da intencionalidade que o dirige para além dele mesmo em um movimento de autotranscendência. É a partir dela, na perspectiva de Frankl, que o ser humano pode se realizar em plenitude.

A capacidade da autotranscendência vincula-se à consciência, à liberdade e à responsabilidade do homem. A consciência guia o ser humano à liberdade e responsabilidade. Trata-se de um fenômeno primário, não deduzível de outra instância, uma dimensão na qual o ser humano encontra-se consigo mesmo na sua mais profunda intimidade (GUBERMAN; SOTO, 2006).

A liberdade, por sua vez, é uma liberdade “para algo”, para uma tomada de posição perante as condições da vida (Frankl, 1946/2003b). A pessoa pode decidir qual será a sua forma de existência e, ainda que sofra a influência de fatores externos e internos, a força da liberdade pode apontar os caminhos a serem seguidos. A liberdade pode ser mantida inclusive quando a realidade parece tragicamente imutável, favorecendo possibilidades de ver e sentir essa realidade de diferentes maneiras (Gomes, 1988). A liberdade é uma capacidade ontológica,

pertence à essência do ser. O homem é livre em sua facticidade e é livre para se converter responsabilmente em algo diferente do que é (GUBERMAN; SOTO, 2006).

A responsabilidade caracteriza-se pela capacidade de a pessoa responder pela liberdade atuante no momento em que se posiciona ante as circunstâncias presentes em sua vida (Garcia, 2008). Trata-se da possibilidade de o ser humano poder responder a si próprio ou a um outro (GUBERMAN; SOTO, 2006).

A autotranscendência, a liberdade e a responsabilidade atrelam-se à dimensão noética, à dimensão do profundamente humano que integra e totaliza a pessoa em um nível superior às dimensões biopsicossociais e as inclui. A partir da dimensão noética, a pessoa é considerada uma unidade múltipla. Apesar de sua unidade e totalidade, há uma multiplicidade de dimensões nas quais o ser humano se estende interiormente. Apesar das diferenças, há uma unidade antropológica que caracteriza o homem (FRANKL, 1946/2003b).

A dimensão noética aponta as potencialidades humanas que se sobrepõem aos seus aspectos biopsicossociais e indicam que a pessoa pode ser considerada adiante de qualquer limite ou patologia.

Frankl utiliza uma metáfora para ilustrar a sua visão de pessoa. Assinala que um avião não perde a capacidade de se deslocar no chão como um veículo, porém, só prova o seu ser de avião quando decola e levanta voo. O ser pessoa encontra-se na capacidade de ir para além do chão.

Frankl, portanto, entende o ser humano a partir da sua constituição biopsicossocial, a partir das capacidades do seu espírito e da dimensão noética que possibilita que ele manifeste modos de compreender a vida, o mundo, e os demais seres quando descobre sentido em sua vida.

De acordo com Frankl (1946/2003b), o sentido não é dado, mas descoberto. O sentido encontra-se encoberto nas situações concretas enfrentadas pela pessoa.

Como o sentido não pode ser separado de seu contexto e a realidade se apresenta na forma de uma situação particular e irrepitível, segue-se que o sentido de uma dada situação é único e fruto de uma descoberta pessoal – impossível de ser transmitido como o instinto o

faz por meio dos genes. Isso implica que o sentido não represente algo abstrato, mas concreto. (ALBERTINI, 2010, p. 64).

O homem busca o sentido da sua vida e de tudo aquilo que nela pode ser evidenciado. Ele pergunta pelo sentido e também é interrogado por ele. “O homem procura sempre um significado para sua vida. Ele está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver” (FRANKL, 1974/2003c, p. 23).

Frankl aponta que, por meio de diversas possibilidades, a pessoa pode descobrir sentido na vida. Essas possibilidades transitam entre a dedicação a um trabalho, amor a uma pessoa ou a uma causa valorosa, bem como a contemplação de uma obra de arte, a apreciação de uma canção, o vislumbrar do pôr do sol, a condição de desafio pelo sofrimento e, inclusive, a dedicação a Deus (FRANKL, 1978).

Em todos esses aspectos, Frankl enfatiza a importância da realização de valores que ele apresenta em três categorias: os valores criativos – possibilidades de a pessoa criar algo –, os vivenciais – relacionados às experiências que a pessoa pode ter –, e os de atitude – evidenciados quando o ser humano, não podendo mudar as situações inevitáveis que ocorrem em sua vida e lhe causam sofrimento, modifica sua posição perante elas.

Essas possibilidades assinalam que o homem é um ser aberto a experiências únicas que podem tocar diretamente sua dimensão mais profunda e apelar à sua consciência, sua liberdade e sua responsabilidade, favorecendo a descoberta de sentido. Dentre elas, a experiência religiosa desponta como uma das oportunidades para essa descoberta.

A experiência religiosa é uma experiência de preenchimento do vazio que habita o ser humano. Embora não utilize do conceito “experiência religiosa” em suas obras, Frankl menciona que existe no ser humano um potencial que brota espontaneamente e se configura a partir de contextos religiosos e culturais denominado religiosidade.

A partir da sua relação com os contextos religiosos e culturais, a religiosidade expressa os mitos, ritos e símbolos de uma religião experimentados pela pessoa que

a professa. Nessa perspectiva, a religião pode prover ao ser humano uma âncora espiritual, um sentimento de segurança que lhe é próprio e inestimável (Frankl, 1969/2007b) e pode “elevantar ou remodelar o âmbito secular, transportá-lo para uma dimensão mais elevada ou sacralizá-lo, mas nunca entrar em contradição com ele.” (FRANKL, 1974/2003c, p. 61).

Nesse sentido,

Por mais que a religião seja para a logoterapia “somente” um tema, e nunca um posicionamento, este tema lhe é vital, e isto por um simples motivo: em conexão com a logoterapia, *logos* significa “espírito”, e, portanto, “sentido”. O espírito designa a dimensão dos fenômenos especificamente humanos, e, diferente do reducionismo, a logoterapia se nega a circunscrever-se a qualquer classe de fenômenos infra-humanos ou fazer-se dependente deles. (FRANKL; LAPIDE, 1984/2005, p. 145).

Como um potencial que brota espontaneamente, a religiosidade inclui um envolvimento com as tradições de uma religião e também uma decisão (Frankl, 1969/2007b). Ela é algo “a partir do qual cada um de nós pode encontrar sua linguagem pessoal ao se dirigir a Deus.” (FRANKL, 1948/2007a, p. 112).

Nesse contexto, a religiosidade possui um caráter de decisão existencial.

[...] acreditamos que a religiosidade nunca poderia se originar num inconsciente coletivo, justamente porque pertence às decisões pessoais, às decisões mais pessoais e próprias do eu, decisões essas que podem, de fato, ser inconscientes, mas nem por isso precisam fazer parte da esfera dos impulsos do id. [...]. A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas, antes, de decisão. A religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial ou não é nada. (FRANKL, 1948/2007a, p. 61).

Embora não faça parte da dimensão instintiva do homem, Frankl alude a existência de uma religiosidade inconsciente. Ademais, ele também se refere a uma presença inconsciente de Deus e a um inconsciente noético no ser humano.

Frankl emprega o termo inconsciente como sinônimo de escondido, oculto. A religiosidade inconsciente é, portanto, um relacionamento escondido com Deus, “uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano” (Frankl, 1948/2007a, p. 58). É uma tendência oculta em direção a Deus (FRANKL, 1948/2007a).

A presença inconsciente de Deus, denominada como presença ignorada na tese de doutorado de Frankl, deve-se à não identificação imediata da manifestação de Deus na vida do homem, pois “o Deus “vivo” é um Deus “escondido” desde sempre.” (Frankl, 1969/2007b, p.150). A presença ignorada de Deus situa-se no inconsciente noético, ao fundo da consciência, e desponta por meio da intuição.

A partir da intimidade da nossa consciência, da sua dimensão mais profunda – o inconsciente noético – Deus se apresenta como o interlocutor dos nossos diálogos mais íntimos. Ele é a “voz” da consciência e fala independente de que o homem seja religioso ou não, pois a religiosidade no homem, a partir do seu caráter existencial, extrapola seus vínculos confessionais.

A religiosidade para Frankl alude a uma verdadeira intimidade e possui relação com a presença ignorada de Deus. Seu surgimento espontâneo e sua configuração a partir de contextos religiosos e culturais são sagrados no ser humano. Deus, sendo o parceiro dos solilóquios mais íntimos do ser humano, fala à sua consciência a partir de sua presença ignorada no inconsciente noético. É escutando a sua voz de forma intuitiva que o ser humano pode se posicionar livre e responsabilmente perante o mundo em busca de sentido.

Pode-se dizer, portanto, que a religiosidade é concebida por Frankl a partir de seus aspectos intrínsecos e extrínsecos, ou seja, ela se relaciona à dimensão mais profunda do ser humano, sua dimensão existencial, e também aos posicionamentos que adota em relação ao mundo e aos que nele estão, quando escolhe livremente e de maneira responsável por atitudes marcadas pela intuição de sua consciência.

Ela é a expressão da busca humana do sentido e, como tal, é irreduzível e inquestionável (Batthyany, 1984/2005). Ela pode ajudar o homem, ou não, na tarefa de descobrir sentido na vida, bem como uma crise de sentido pode ser diluída, ou não, pela experiência religiosa (AQUINO et al., 2009).

A concepção de religiosidade de Frankl abarca as dimensões humanas e é terminantemente marcada pelas inerências específicas da dimensão noética, a saber, as capacidades da autotranscendência, da liberdade e da responsabilidade, e a noção de consciência e valores.

Sua proposta teórica incide sobre sua concepção de religiosidade revelando uma posição equilibrada e ao mesmo tempo de abertura, remetendo à percepção de que todo ser humano é afetado pelo limite de sua racionalidade e pela frequente ausência de respostas imediatas às perguntas gerais relacionadas ao sentido da vida.

Partindo das noções do *religare*, o homem religioso é aquele que une suas possibilidades com as oportunidades apresentadas pela vida por meio de uma abertura que promove um salto para além das condições biopsicossociais. Embora sabedor de sua fragilidade, o homem religioso é aquele que busca superar-se ao apoiar-se em referenciais que ele nomeia como Deus, fé, religião, referenciais de sentido para sua vida.

O homem religioso, na concepção de Frankl, busca o sentido em sua história, lança-se para além de si mesmo na tentativa de alcançar, pelos rasgos da transcendência, as razões de seu *dever ser*. Sendo religioso, o ser humano pode, portanto, colocar-se ante o absoluto e vislumbrar suas possibilidades de realização. Por isso, na perspectiva de Frankl, a religiosidade é marcada pela singularidade e pela decisão numa dinâmica de recolhimento e de atuação, de silêncio e de revelação.

Frankl considera que a religiosidade está vinculada ao campo da fé que abrange as possibilidades de transformação e descoberta de sentido. A pessoa religiosa, em sua visão, é capaz de ir para além do chão firme de seus pés ao encontro daquilo que a transcenda.

A fé surge para ele como uma categoria transcendental, um pensamento enriquecido pela existencialidade do pensante que extrapola os aspectos doutrinários e institucionais das religiões. Ela configura-se para além dos sistemas de símbolos e rituais que caracterizam as religiões em suas expressões culturais.

Pela fé, o homem transcende a sua capacidade de compreensão racional e se abre às mais variadas experiências fundantes relacionadas ao sentido último. Ela manifesta-se como uma força motriz que acena ao ser humano que tudo concorrerá para o alcance dos significados de sua vida e sua realização. Ela compõe aberturas e condições para o acolhimento do sagrado e nutre e marca a relação do homem

com ele para que sua descoberta de sentido seja o mais honesta possível e se reflita em autenticidade e plenitude na vida.

Frankl considera que “esquecer a validade interna e o valor originário da criação artística ou da vivência religiosa, em vista da sua eventual aplicação a fins neuróticos, seria ir demasiado longe.” (Frankl, 1946/2003b, p. 33). Tal afirmativa contribui para compreender as implicações da religiosidade no contexto psicoterapêutico.

As pessoas podem buscar respostas para sua vida em diversos campos. A psicoterapia é um deles. Com frequência, as questões relativas às vivências religiosas são apresentadas pelos pacientes em atendimento psicoterápico e podem se relacionar à sua busca de sentido.

Frankl (1946/2003b) deixa claro que o objetivo da psicoterapia é a cura anímica e o objetivo da religião é a salvação das almas. Por isso, o psicólogo não deve ir ao encontro do paciente no plano confessional firmando uma espécie de “união pessoal” para orientar o tratamento, ou seja, estabelecendo um encontro que vá além do encontro próprio da psicoterapia.

Os objetivos da psicoterapia e da experiência religiosa não se situam no mesmo plano. A dimensão à qual o homem religioso se lança é mais elevada e possui significado mais extenso. Trata-se da dimensão da fé. E, nessa dimensão, a psicoterapia não pode se aprofundar.

Porém, em alguns casos, o paciente se sustenta numa firme posição de crença religiosa e essa atitude pode favorecer a utilização do efeito terapêutico de suas convicções religiosas e, por essa possibilidade, sejam distinguidos os seus recursos espirituais (FRANKL, 1969/2007b).

Dessa forma, a experiência religiosa não pode ser descartada no campo da psicoterapia, pois reúne potenciais efeitos que podem propiciar à pessoa “uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrada alhures a não ser na transcendência, no Absoluto.” (FRANKL, 1948/2007a, p. 74).

Assim considerada, a experiência religiosa pode contribuir, ao longo do processo psicoterapêutico, para que possibilidades de redescoberta de algumas

fontes de fé original que estavam soterradas sejam evidenciadas. No redescobrimto dessas fontes, os pacientes são afetados em todos os aspectos de sua existência e, de alguma maneira, muitas das perguntas de suas questões podem alcançar respostas.

A religiosidade e a fé possuem efeitos terapêuticos significativos se consideradas em seus aspectos inerentes à história de vida dos pacientes. Contudo, se consideradas de forma isolada ou totalizante, podem ser complicadoras para o desenvolvimento da pessoa e resultarem em manifestações psicopatológicas.

A religiosidade, quando manifestada e acolhida no contexto psicoterapêutico, pode corroborar para que os psicoterapeutas apontem os recursos espirituais dos seus pacientes, conforme explicita Frankl (1969/2007b). Todavia, não é adequado que o psicólogo suscite esse tema no contexto da psicoterapia.

Ele deve se interessar pelo assunto e acolhê-lo apenas quando for suscitado pelo próprio paciente. Essa postura é adequada e é um dos fatores que distingue a psicoterapia do aconselhamento religioso ou da direção espiritual.

Na proposta de Frankl (1946/2003b), a psicoterapia deve se movimentar, portanto, “abaixo da fé” e deve buscar respostas às questões do sentido “abaixo” da cosmovisão tanto teística quanto ateística.

A psicoterapia e a religião não se encontram no mesmo nível ontológico, mas elas se complementam. Da mesma forma que a religião pode auxiliar a cura psíquica ao proporcionar bem-estar psicológico aliviando as aflições, a psicoterapia pode levar o paciente a reencontrar uma fonte de religiosidade escondida (PINTOS, 2007).

No que tange às correlações entre religiosidade e Logoterapia, Frankl expõe que essas são possíveis desde que as questões sobre a fé em Deus sejam tratadas especificamente no contexto da Teologia e não se subordinem à Logoterapia e, da mesma forma, as questões especificamente tratadas pela Logoterapia não se submetam ao campo das religiões.

A atuação clínica orientada pela Logoterapia requer que o psicólogo compreenda que, a partir das finalidades psicoterápicas, o significado da

responsabilidade de seus pacientes pode ser intensificado a um grau expressivo quando apreciada a sua experiência de vida como uma tarefa, uma missão pessoal, sendo favorecido o apelo à sua consciência para a descoberta de sentido.

Nesse ínterim, a vivência religiosa,

[...] a vivência de sentir-se protegido, no sentido mais próprio da palavra, seguramente possui um grau muito maior nesta relevância terapêutica. E, pelo menos, nos momentos decisivos da existência pessoal, sempre se tornará a experimentar que não existe atitude alguma frente a situações limites do destino que, em igual medida que a atitude religiosa ajude o homem a superar essa situação. (FRANKL, 1972/2002, p. 75).

Por isso, a atuação clínica a partir da Logoterapia, no que se refere ao acolhimento da religiosidade dos pacientes

[...] deve propor a tarefa de preparar a habitação da imanência, porém prepará-la sem obstruir a porta pela qual o espírito da religiosidade pode entrar ou sair o homem religioso com toda a espontaneidade própria de toda religião genuína. A análise existencial, então, não apresenta uma etapa final para o descobrimento do sentido último do homem, porque não dá respostas finais, pelo menos relativas à religião. Porém desde esta etapa até para aquela outra que pode guiar o homem – não importa se religioso ou não –, desde dali, o homem pode, sem mais, encontrar o “contato direto” com sua última etapa, já que a meta final do caminho da análise existencial, reside exatamente “sobre a linha” conducente ao religioso. (FRANKL, 1972/2002, p. 77).

A Logoterapia não deve atravessar os limites entre a psicoterapia e a experiência religiosa. Mas pode deixar aberta a porta à religiosidade, permitindo que o paciente decida-se em passar ou não por ela (FRANKL, 1969/2007b).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ser religioso consiste em ter encontrado uma resposta à pergunta:  
qual é o sentido da vida?*

Albert Einstein

A partir da Logoterapia, Frankl propõe uma rehumanização da psicoterapia sugerindo a superação de vários determinismos e reducionismos teóricos e práticos na área da Psicologia, concebendo o ser humano em sua totalidade, unicidade e irrepetibilidade.

Sua leitura antropológica “quer contribuir para completar a imagem do homem visto pela psicoterapia, fazendo dele uma imagem do homem total, do homem em todas as suas dimensões”, considerando a sua dimensão noética (FRANKL, 1978, p. 54).

A visão de homem adotada por Frankl aprecia a constatação de algumas capacidades como a autotranscendência, a consciência, a liberdade e a responsabilidade que apontam que o ser humano é o ser que sempre decide o que ele é e pode ser, ou seja,

[...] aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-Nosso ou o *Shemá Ysrael*. (FRANKL, 1946/2008, p. 156).

As possibilidades de decidir e se posicionar perante a vida marcam os aspectos de superação que lhe são inerentes e mostram que, no panorama de sua existência, a pergunta pelo sentido e os questionamentos que a própria vida faz emergem como potencialidades para a felicidade e realização plenas. “Barra o caminho para a felicidade aquele que a todo o transe se empenha em tornar-se feliz” sem buscar sentido para a vida (FRANKL, 1946/2003b, p. 73).

Dessa forma, Frankl (1978) enfatiza que a busca do sentido é algo original, espontâneo, genuíno, e como tal deve ser levado a sério inclusive no campo da psicoterapia. Ressalta que

[...] a vida nunca deixa de ter sentido, o tem até o último momento, até o último suspiro. Essa tese fundamental da Logoterapia não é só uma hipótese, mas foi reafirmada empiricamente por toda uma lista de projetos de investigação válidos e metódicos. Pois se tem comprovado que, na vida, se pode descobrir sentido basicamente e em forma totalmente independente do sexo, idade, coeficiente intelectual, grau de cultura, estrutura de caráter e ambiente de uma pessoa e se tem podido comprovar que o homem pode descobrir sentido independentemente de que *seja* religioso ou não e, no caso em que o seja, também independentemente da confissão religiosa a qual pertença. (FRANKL, 1972/2002, p. 230).

Entendendo a experiência religiosa não como uma estrita experiência com Deus, mas como uma experiência potencial e abrangente com o sagrado no que tange às possibilidades de descoberta do sentido, Frankl alude que a psicoterapia pode se ocupar legitimamente com a religiosidade, compreendendo que ela se relaciona à dimensão mais profunda do ser humano, sua dimensão existencial, e também aos posicionamentos que adota em relação ao mundo e aos que nele estão quando escolhe livremente e de maneira responsável por atitudes marcadas pela intuição de sua consciência.

Dessa maneira, Frankl concebe a religiosidade como uma possibilidade para uma vida plena de sentido na qual o homem pode explorar a força de sua dimensão noética, permitindo-se ser conduzido por um Tu, advertido na dinâmica da própria consciência. É empreendendo uma busca que o ser humano deixa-se conduzir (COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2001).

Sampaio (2012) destaca que a Psicologia Clínica, como prática que prioriza um processo reflexivo de construção de conhecimento por meio de uma relação dialógica, inaugura um caminho que facilita uma reflexão sobre como o outro se percebe e percebe o ambiente à sua volta, questionando-se pela qualidade de vida que pode ser alcançada na busca do sentido e do conhecimento de si mesmo.

Citando Bassani (2001, p. 50), ele expõe que, ao falarmos de qualidade de vida, nos referimos a uma pessoa “que tem uma história de vida, um conjunto de

crenças e valores, que possui um sistema de conhecimentos sobre o ambiente e que pode se defrontar com o desconhecido diariamente”.

Promover a qualidade de vida para os pacientes a partir da atuação em Psicologia Clínica inclui compreender seus diversos modos de ser-no-mundo ante as complexidades contingenciais e o desconhecido que constantemente se revela. Isso requer um lançar-se para além dos pré-conceitos e das noções apresentadas nos tratados científicos, acolhendo todas as experiências que cada pessoa traz ao espaço clínico como oportunidades transformadoras oriundas das suas capacidades de superação frente a tantas circunstâncias objetivamente contrárias, incluindo, dentre elas, suas experiências concernentes à religiosidade.

A partir da Logoterapia, Frankl dá continuidade a esse olhar, considerando que todos os fenômenos que despontam na existência de uma pessoa devem ser tratados em seus potenciais significados. Entretanto, ele mantém uma posição equilibrada quando destaca que, mesmo que uma pessoa decida viver suprimindo os aspectos da religiosidade em sua existência, uma forma saudável de ser-no-mundo pode ser mantida, pois uma pessoa que se decida por uma compreensão de suas vivências que não inclua os aspectos da religiosidade pode buscar, de outras formas, sentidos que revelem razões para sua existência.

No contexto clínico, devem-se aos pacientes as possibilidades para as resoluções dos conflitos. Essa perspectiva necessita ser mantida considerando-se, inclusive, que eles podem incluir ou não nesta tarefa as suas experiências com o sagrado.

Aos psicólogos cabe que descubram na experiência religiosa dos pacientes os distintos valores que possam beneficiar o seu processo de mudança, tendo em vista as inerências da subjetividade. Para essa descoberta e efetivação do acolhimento da experiência religiosa dos pacientes, é preciso que os psicólogos tenham um preparo sólido e conservem conhecimentos acerca das religiões e sobre o grau de influência de suas práticas.

Portanto, em Psicologia Clínica, as formas de os pacientes lidarem com seus modos próprios de ser e com as suas experiências a partir do suporte e acolhimento oferecidos pelos psicoterapeutas, até mesmo no que se refere às questões

relacionadas aos aspectos da religiosidade quando emergidas nesse contexto, podem potencializar a sua qualidade de vida ou não, a depender da genuinidade do encontro e das trocas efetivadas entre ambas as subjetividades.

A Logoterapia é uma proposta viva e dinâmica e, por isso, também inacabada. Ela segue se desenrolando e crescendo desde Frankl até os dias de hoje (Pintos, 1998). Por isso, os psicólogos que orientam sua atuação clínica a partir da Logoterapia podem continuar ampliando-a a cada encontro com seus pacientes e por meio de pesquisas procedentes de sua prática e aprofundamentos teóricos.

Destaca-se, portanto, que o psicoterapeuta, ao atuar a partir do enfoque logoterapêutico ou de diferentes linhas teóricas da Psicologia, deve acolher e auxiliar o paciente considerando-o em sua integralidade, estando aberto aos relatos que possa fazer em relação às suas experiências, mesmo quando marcadas pela sua religiosidade, compreendendo-a como uma experiência singular e pessoal com o sagrado e relacionada à busca de significados que podem resultar na descoberta de sentidos para sua existência e na promoção da sua qualidade de vida.

O momento que exigiu dedicação para compor as considerações finais desse trabalho coincidiu com a leitura de um artigo intitulado *Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções*, escrito por Holanda (2009). Ao final do texto ele apresenta a seguinte história:

Certa vez alguém chegou ao céu e pediu para falar com Deus. Segundo o seu ponto de vista, havia uma coisa na criação que não tinha nenhum sentido. Deus atendeu de imediato, curioso por saber qual era a falha que havia na criação.

- Senhor, sua criação é muito bonita, muito funcional, cada coisa tem sua razão de ser, mas, no meu ponto de vista, tem uma coisa que não serve para nada.

- E que coisa é essa que não serve para nada? – perguntou Deus.

- É o horizonte. Para que serve o horizonte? Se eu caminho um passo em sua direção, ele se afasta um passo de mim. Se caminho dez passos, ele se afasta outros dez passos. Isto não faz sentido! O horizonte não serve pra nada.

Deus sorriu e disse:

- Mas é justamente para isso que serve o horizonte... para fazê-lo caminhar e nunca desistir de lutar pelo amanhã. (HOLANDA, 2009, p. 92).

Essa história me levou a refletir a respeito do caminho percorrido até aqui. Foram muitas as experiências que propiciaram encontros e desencontros com a temática do estudo e comigo mesmo. E, à medida que vivi cada uma dessas experiências, questionava-me a respeito do sentido desse trabalho e queria entender mais claramente algumas das razões de uma meta que me parecia tão distante.

A leitura dos livros de Viktor Emil Frankl que foram selecionados para que o objetivo deste estudo pudesse ser atingido, as exigências para elaborar as ideias e compor a escrita, e as direções oferecidas pela orientadora deste trabalho provocaram em mim uma vontade ainda mais intensa para prosseguir. Há muito ainda por fazer e aprofundar para que minha tarefa humana e profissional seja dilatada em sentido e alcance seus propósitos.

Pela clara pretensão em prosseguir sem desanimar, para corresponder às dinâmicas da atuação como psicólogo, docente e pesquisador, sei que o horizonte prosseguirá cumprindo a arte de levar-me a caminhar sem desistir de lutar pelo amanhã, convencendo-me de que este trabalho marca o início de outros que nascerão.

Quem se detém, é ultrapassado; e quem se contenta a si mesmo, acaba por perder-se. Portanto, não devemos ficar nunca satisfeitos com o que já alcançamos, quer no terreno da criação, quer no terreno das vivências; cada dia, cada hora torna necessárias novas ações e traz consigo a possibilidade de novas vivências. (FRANKL, 1946/2003b, p. 171).

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia** [1971]. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBERTINI, R. Z. O homem capaz de Deus: perspectivas de Viktor Frankl e do Catecismo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. São Paulo, maio/2010, p. 62-70. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>>. Acesso em 08 mai. 2013.

AMATUZZI, M. M. Experiência Religiosa, Psicoterapia e Orientação Espiritual. In: BRUSCAGIN, C. et al. (Orgs.). **Religiosidade e Psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008. p. 09-17.

ANCONA-LOPEZ, M. A Espiritualidade e os Psicólogos. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 147-159.

\_\_\_\_\_. A Religiosidade do Psicoterapeuta. In: BRUSCAGIN, C. et al. (Orgs.). **Religiosidade e Psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008. p. 01-08.

\_\_\_\_\_. Psicologia e Religião: recursos para construção do conhecimento. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 19(2), 2002, p. 78-85.

AQUINO, T. A. A. et al. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, 29(2), 2009, p. 228-243. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a03.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2013.

BATTHYANY, A. Logoterapia y Religión. In: FRANKL, V. E.; LAPIDE, P. **Búsqueda de Dios y sentido de la vida: Diálogo entre un teólogo y un psicólogo** [1984]. 1ª ed., 2ª impr. Barcelona: Herder, 2005, p. 13-24.

BRETONES, F. **A Logoterapia é óbvia**. São Paulo: Paulinas, 1999.

BRUZZONE, D. **Afinar la consciência: Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor E. Frankl**. 1ª ed. Buenos Aires: San Pablo, 2011.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

COELHO JÚNIOR, A. G.; MAHFOUD, M. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, vol. 12, n. 02, 2001, p. 95-103. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200006&script=sci\\_artt ext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200006&script=sci_artt ext)>. Acesso em 02 abr. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota Pública do CFP de esclarecimento à sociedade e às(o) psicólogas(o) sobre Psicologia e religiosidade no exercício profissional**. 2012. Disponível em: <<http://www.pol.org.br/pol/cms/pol>>. Acesso em 28 fev. 2012.

CRESWELL, J. W. Revisão da Literatura. In: \_\_\_\_\_. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 48-75.

EZZY, D. **Qualitative Analysis: Practice and innovation**. New York: Routledge, 2003.

FIZZOTTI, E. **Verso una Psicologia della Religione: 1. Problemi e protagonisti**. Collana Studi e Ricerche di Catechetica. Torino: Elle Di Ci, 1992.

FRANKL, V. E. **A Presença Ignorada de Deus** [1948]. 10ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A Psicoterapia na prática: uma introdução casuística para médicos** [1947]. São Paulo: EPU, 1976.

\_\_\_\_\_. **A Questão do Sentido em Psicoterapia** [1981]. Campinas: Papyrus, 1990.

FRANKL, V. E.; LAPIDE, P. **Búsqueda de Dios y sentido de la vida: Diálogo entre un teólogo y un psicólogo** [1984]. 1ª ed., 2ª impr. Barcelona: Herder, 2005.

FRANKL, V. E. **El Hombre Incondicionado: Lecciones Metaclínicas** [1949]. Buenos Aires: Plantin, 1955.

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração** [1946]. 25ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia** [1978]. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos y aplicaciones de la Logoterapia** [1969]. 1ª ed. 3ª reimp. Buenos Aires: San Pablo, 2007b.

\_\_\_\_\_. **La idea psicológica del hombre** [1959]. 7ª ed. Madrid: Rialp, 2003a.

\_\_\_\_\_. **La Voluntad de Sentido: Conferencias escogidas sobre Logoterapia** [1972]. 3ª ed., 2ª imp. Barcelona: Herder, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que não está escrito em meus livros: Memórias** [1995]. São Paulo: É Realizações, 2010.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial** [1946]. 4ª ed. São Paulo: Quadrante, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Sede de Sentido** [1974]. São Paulo: Quadrante, 2003c.

\_\_\_\_\_. **Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo** [1978]. 11ª ed. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005.

FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão [1927]. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, S. C. A resiliência no indivíduo especial: uma visão logoterapêutica. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 31, 2008, p. 25-36. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/viewFile/7/19>>. Acesso em 28 abr. de 2013.

GOMES, J. C. V. **A prática da Psicoterapia Existencial: Logoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GUBERMAN, M.; SOTO, E. P. **Dicionário de Logoterapia**. Lisboa: 2006.

HERRERA, L. G. P. **Viktor Frankl: Comunicación y resistencia**. 1ª ed; 1ª reimp. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

HOLANDA, A. Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. **Revista da Abordagem Gestáltica**, São Paulo, XV(2), jul/dez, 2009, p. 87-92.

LUKAS, E. **A força desafiadora do espírito**: métodos de Logoterapia. São Paulo: Loyola, 1989.

MARINO, H. R. Prefácio. In: FRANKL, V. E. **O que não está escrito em meus livros**: Memórias. São Paulo: É Realizações, 2010.

PAIVA, G. J. Psicologia da Religião, Psicologia da Espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 31-47.

PARGAMENT, K. **Spiritually integrated Psychotherapy**. New York: The Guilford Press, 2007.

PINTO, E. B. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dez. 2009. p. 68-83. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2009/t\\_brito.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.htm)>. Acesso em 01 abr 2012.

PINTOS, C. C. G. **Un hombre llamado Viktor**. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Viktor E. Frankl**: La humanidad posible. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1998.

SAMPAIO, V. F. **O conhecimento de si mesmo**: um estudo em Fenomenologia Existencial a partir da prática do Aikido. 2012. 84f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

TILLICH, P. **Dinâmica da fé** [1957]. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

VALLE, J. E. R. Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 83-107.